O ESCÂNDALO DOS IMÓVEIS SUSPEITOS

As propriedades da família do presidente compradas com dinheiro vivo

ISTOÉ

POR QUE BOLSONARO ODEIA TANTO AS MULHERES?

Presidente ofende adversárias, jornalistas e eleitoras, demonstrando que sua estratégia política é baseada na masculinidade tóxica e no desprezo pelo sexo feminino. Agora, ele paga o preço da rejeição dessa parcela da sociedade, que já é majoritária, o que pode definir o destino de sua candidatura

CONHEÇA O PRIMEIRO CLUBE DE SURF DA CIDADE DE SÃO PAULO.

CLUBE EXCLUSIVO PARA MEMBROS COM SURF, SPA, ACADEMIA, TÊNIS E RESTAURANTE EM FRENTE À PONTE ESTAIADA.

- CLUBE DE SURF EXCLUSIVO PARA MEMBROS COM QUALIDADE E EXCELÊNCIA JHSF
- COMPLETA ESTRUTURA DE SURF REUNINDO ESPORTE, LAZER E GASTRONOMIA
- PISCINA COM TECNOLOGIA PERFECTSWELL® E SURF CLUBHOUSE COM RESTAURANTE
- SPA COMPLETO E ACADEMIA COM EQUIPAMENTOS DE ÚLTIMA GERAÇÃO
- QUADRAS DE TÊNIS COBERTAS E QUADRAS DE BEACH TENNIS

Imagens ilustrativas. O projeto encontra-se em fase de desenvolvimento e aprovação. Utilização e adesão estarão sujeitos a análise de acordo com o estatuto e regimento interno do clube.

ENTREVISTA

VANESSA CANADO

Economista

“HOJE NÃO DÁ PARA DESONERAR A FOLHA SE NÃO FOR CRIADO UM NOVO IMPOSTO”

Por Mirela Luiz

Doutora em Direito Tributário e ex-assessora especial do Ministério da Economia, a economista Vanessa Canado ficou conhecida como a “dama de ferro” dos impostos durante sua passagem pela pasta de Paulo Guedes. Os dois formaram uma dupla improvável, mas dinâmica. Reza a lenda que sempre que empresários batiam à porta do Ministério buscando incentivo fiscal, o ministro a mandava para a reunião, pois assim, com certeza, ela os faria desistir do pedido. Ela se demitiu em abril do ano passado, frustrada com a falta de esforço do governo para realizar a Reforma Tributária. Atualmente, assessora a presidenciável Simone Tebet (MDB) e deseja planejar a revisão das leis tributárias para a candidata. Em entrevista à ISTOÉ, ela conta que o governo não quis criar um imposto de valor agregado (IVA), preferindo diminuir a carga tributária e apostar na desoneração da folha, com a criação de um imposto sobre movimentações financeiras, nos moldes da antiga CPMF

BURACO SEM FIM
Vanessa Canado diz que herança maldita é anterior ao governo Bolsonaro: “Desde o segundo mandato de Lula só se cava mais o buraco”

Nem Bolsonaro, nem Lula se propõem a fazer uma Reforma Tributária ambiciosa. Essa mudança deveria ser uma prioridade para o próximo presidente? Por quê?

Com certeza. Ainda que não seja ambiciosa em todas as bases de tributação, ou seja, de revisar o imposto de renda, rever a tributação do consumo, da folha e da propriedade, essa reforma precisa ser ampla. Porque na tributação do consumo existe um problema estrutural grave de fragmentação entre a tributação ora de bens, ora de serviços que prejudica muito o crescimento. Então fica muito difícil a gente pensar numa expansão econômica sustentada ou

relevante se a gente não eliminar algumas ineficiências muito claras na organização da atividade produtiva.

O currículo do time que tem ajudado no programa de governo da senadora Simone Tebet (MDB) inclui nomes que atuaram em pelo menos três gestões diferentes. Qual o seu papel e como estão fazendo para alinhar as ideias e entrar num consenso?

Meu papel é cuidar minuciosamente do programa tributário, da microeconomia no plano de governo. Vejo que nosso programa é eminentemente focado em ideias liberais, então são diretrizes que de fato se conversam e que nos fazem termos pontos em comum. Se pegarmos o programa final do governo que está registrado no TSE, dá para se perceber que tem diretrizes fundadas em ideias liberais, ou seja, menos regulação e intervenção no mercado caso seja necessário para corrigir uma distorção, uma maior liberação de comércio exterior, uma maior liberdade para o mercado se organizar conforme as demandas locais e globais com menos intervenção do governo para produzir um bem ou outro. A Reforma Tributária também destrava o setor privado e revisa incentivos fiscais, então de fato é entrar com a mão do governo e com a mão do Estado onde precisa, e não necessariamente o tempo todo para induzir o mercado.

> “Perdeu-se a oportunidade de aprovar o IVA logo no começo do atual governo. É uma questão de prioridade política. Resolvi sair porque vi que essa agenda não ia andar”

A Reforma Tributária deve ficar de fato para o ano que vem. Como a senhora vê esse adiamento?

Ainda que tenha havido algumas tentativas por parte do relator no Senado, ela acabou se tornando muito mais um projeto fragmentado e desconexo do que propriamente uma iniciativa positiva de Reforma Tributária. Então, como não havia um ambiente político e nem econômico, além de muita pressão por conta das eleições, começou-se a abrir muitas exceções, de modo que aquilo começou a virar um abacaxi. Na verdade, o ideal é deixar para discutir um projeto ambicioso de reforma num momento de inicio de mandato. Ainda que tivesse uma possibilidade de aprovação, o resultado final não seria positivo.

Em 2021, pela primeira vez, havia apoio no Congresso e um consenso entre secretários da Fazenda para uma reforma que criasse o imposto sobre valor agregado (IVA), que é uma tendência no mundo desenvolvido. Também havia duas propostas semelhantes (uma na Câmara e outra no Senado) quase prontas para serem votadas. Por que elas não avançaram?

Ficou bastante claro que a prioridade do governo federal, pelo menos enquanto a presidência da Câmara fosse do deputado Rodrigo Maia, não era a tributação do consumo. E mesmo com a mudança na direção do Congresso continua não sendo. Havia a dúvida se era uma prioridade do governo ou se existia uma disputa política entre Executivo e Legislativo. Com a mudança do presidente da Câmara, ficou claro que não era mesmo uma prioridade do governo federal. A prioridade, que estamos vendo por algumas medidas tomadas, é a redução de carga tributária, como as várias reduções do IPI, e a tentativa de diminuição da tributação da folha, mudanças que no fundo exigem um novo tributo, algo como a extinta CPMF, que acabou não decolando.

É por isso que Paulo Guedes insistiu na proposta de Marcos Cintra, de criação de um imposto único nos moldes da antiga CPMF?

Ficou muito claro que é preciso muito dinheiro para desonerar a folha: mais de 300 bilhões de reais. E como já há uma alta carga de tributação do consumo, e também uma carga de imposto de renda relativamente alta, não há espaço para aumentar imposto. Hoje não dá para desonerar a folha se não for criado um novo imposto. Mas, sinceramente, acho uma troca ruim. Onerar a folha é ruim porque causa informalidade, mas onerar a movimentação financeira é muito ruim porque distorce a economia. Começa-se a criar estruturas para fugir do imposto de forma menos eficiente. Com esse imposto não estaríamos trocando uma coisa ruim por uma boa.

Então qual seria a saída? Qual o plano ideal?

O ideal seria desonerar a folha com o aumento da tributação do consumo, mas o Brasil é o campeão de carga tributária sobre o consumo entre os países em desenvolvimento. A gente tributa a renda igual aos países em desenvolvimento, mas tributa muito mais o consumo. É inviável. O que dá para ser feito é uma proposta de longo prazo da desone- >>

FOTOS: MARCO ANKOSQUI; EVARISTO SÁ/AFP

ração da folha, algo em torno de 10, 15 anos, que tenha alguns passos. Criaria um teto que incidiria sobre tudo ou baixaria a alíquota que hoje é de 20%. Mas, de fato, o que faria desonerar a folha seria a redução dos gastos. Isso só seria possível com a reforma efetiva da Previdência.

Quais seriam os pontos mínimos para uma boa Reforma Tributária?

Quando começamos a fazer a interlocução com deputados, senadores e até mesmo com o setor privado, tínhamos uma lista das coisas que não poderíamos abrir mão. Numa reforma do IVA, não se pode abrir mão de uma devolução de créditos acumulados. O imposto precisa ser não acumulativo para não ter imposto em duplicidade na saída. E o imposto tem que ter alíquota única. Não acho que reforma boa é a reforma possível. A reforma possível precisa ser boa, senão é melhor deixar para outro momento.

Paulo Guedes diz que deseja zerar o IPI caso Bolsonaro seja reeleito. É mais uma proposta eleitoreira?

Sem dúvida alguma tem um efeito eleitoral. Não diria que é algo representativo porque não acho que a grande população entenda ou se preocupe efetivamente com isso. E há outra coisa. Dependendo da redução, isso nem é repassado para os preços. Agora, para a economia como um todo é ótimo reduzir, especialmente o IPI que incide sobre os produtos industrializados, porque a nossa indústria hoje é bem deficitária em termos de competitividade e inovação. Mas é algo a se pensar direito, porque corre o risco de se comprar uma briga política, porque acaba tirando a arrecadação de Estados e Municípios e brigando com a zona franca de Manaus. O ideal do IPI seria fazer um estudo mais amplo para que diminuísse a perda dos Estados e Municípios e da zona franca de Manaus.

Qual o balanço que faz do tempo em que ficou no Ministério da Economia? Por que saiu?

Perdeu-se uma grande oportunidade de aprovar o IVA logo no começo, logo depois da Previdência. Isso é uma questão de prioridade política, uma agenda mais política que independe do aspecto técnico, sobre preferências de cada ministro e do governo. Do ponto de vista econômico, seria muito importante ter feito essa Reforma Tributária para que o Brasil de fato decolasse. Resolvi sair por isso, porque vi que a agenda do IVA não ia andar. Se era a agenda do Congresso e não andou, não me pareceu que seria da próxima direção do Congresso, como de fato não foi.

A taxação de grandes fortunas, como o novo presidente da Colômbia anunciou, traz resultados positivos?

Não é essa a evidência que temos de outros países. Ela funciona como um imposto tapa-buraco. O principal imposto para tributar riqueza é o Imposto de Renda, ele é melhor do ponto de vista econômico do que o imposto sobre patrimônio. É um imposto mais bem desenhado, bem testado, o mundo inteiro tem. O de "grandes fortunas" não, são apenas três países que têm. Com ele, é muito fácil mudar a residência fiscal para não se pagar imposto, por isso que falo que é tapa-buraco.

O que esperar da economia em 2023? Será uma herança maldita, como diz sua companheira na campanha da Simone Tebet, Elena Landau?

Ela se preocupa mais na questão de ajuste fiscal, de macroeconomia. Do meu lado tributário, me preocupo mais com a microeconomia. No meu ponto de vista, o Estado ao longo do tempo desorganizou a economia ao proteger alguns interesses, incentivando alguns setores em detrimento de outros. Numa economia de mercado, a concorrência, o livre mercado, a disputa por quem é mais eficiente é fundamental. A gente bagunçou isso de uma maneira impensável. Posso dizer que seguramos bem nesse último governo a quantidade de incentivos fiscais que deveriam ter saído. Na minha área, essa herança maldita já vem sendo herdada, ou melhor dizendo colhida, há algum tempo. Desde o segundo mandato do Lula a gente só cava mais o buraco.

> "As disputas partidárias adiaram demais a escolha do candidato da terceira via. Faltou posicionamento. Acho equivocado dizer que o liberalismo não se preocupa com a desigualdade"

Simone Tebet tem destacado nos debates sua equipe econômica liberal. Ela tem chances de chegar ao 2º Turno?

As disputas partidárias adiaram demais a escolha do candidato da terceira via. Tivemos uma dificuldade ali do PSDB, do MDB e uma agenda que me pareceu mais individual de cada representante. Ninguém consegue fazer um programa de governo bacana em 50 ou 60 dias. O que faltou foi uma definição de posicionamento. Acho equivocado quando dizem que o liberalismo não se preocupa com a desigualdade. ■

FOTO: PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

FOME NÃO EXISTE, D

Como tudo na narrativa paralela do mandatário é estabelecido por decreto ou via medida provisória, bem capaz que dia desses ele lance um informe com o mesmo enunciado acima, no padrão do que costuma bravatear: "Não existe fome para valer no Brasil". De viva voz já o fez. Em mais um dos delírios inomináveis, que não cansa de exibir, numa pororoca infindável de afrontas à realidade, consagrou o fim da chaga. Nos obscuros caminhos e conexões nervosas da mente do capitão as cenas cotidianas, denúncias e estatísticas contrárias a essa sua convicção não passariam de balela para prejudicá-lo. A mera ideia de que muita gente anda sofregamente procurando comida nos lixões de rua e caminhões de recolhimento por não conseguir bancar o básico em alimentos que garantam a sobrevivência – nem o essencial, nada mesmo! Não é figura de linguagem! – estaria, por assim dizer, no campo da fábula perversa, ardil diabólico e mentiroso para evitar que ele, o Messias "mito", seja visto como "o salvador", benfeitor dos pobres e oprimidos, imagem que lhe asseguraria, no seu entender, a reeleição. Porque, na prática, no universo fechado das prioridades que o movem, basicamente tudo converge no mesmo sentido. Bolsonaro não enxerga um palmo além do nariz sobre aquilo que não gosta de ver ou saber. Recusa-se a encarar problemas reais e acredita piamente não ser da sua conta tratar deles, muito embora a condição de governante que hoje exerce – sem a aptidão para tal ou entendimento do que representa a missão conquistada nas urnas – contemple o bem-estar social como fundamento número um. "Você não vê alguém pedindo pão na padaria", avaliou em entrevista, numa de suas mais tonitruantes aberrações. Como é que é? Pode ficar espantado, prezado leitor, mas foi literalmente o que ele disse. Talvez para um turista estrangeiro acidental, em um dia de céu azul, belas paisagens, praias, protegido pelo desconhecimento previsível e preventivo, que estivesse por aqui de passagem, sem maiores alertas, levado por guias apenas aos mais reluzentes salões e endereços (em situações muito exclusivas e excepcionais), blindado dos dissabores do quadro que lhe cerca mesmo próximo ao hotel, quem sabe assim seria até aceitável tamanha desinformação e visão "Poliana" de um maravilhoso paraíso sem miséria. Mas para um chefe de Estado, em pleno comando da Nação, a ignorância ou maquiagem deliberada dos fatos são abjetas. Os mais de 33 milhões de esfomeados – número que dobrou em dois anos no seu governo – não são miragem. Estão ali na esquina, em qualquer lugar, mesmo e especialmente nas grandes cidades, nos metrôs,

FOTOS: REPRODUÇÃO; ONOFRE VERAS/THENEWS2/AGÊNCIA O GLOBO

Carlos José Marques, *diretor editorial*

ECRETA BOLSONARO

praças, túneis e avenidas, para não lembrar daqueles em regiões ribeirinhas, nos confins desse Brasil imenso, nos sertões e cerrados, esquecidos, abandonados, que morrem aos milhares por desnutrição sem serem notados. Aqueles que estão famintos no Brasil nem conseguem entender quando o presidente alega que "não tem filé mignon para todo mundo". Imagina! Jamais tiveram acesso a tal iguaria e muitos esqueceram até o sabor de uma carne de segunda. Tristeza no País tido e havido como o celeiro do mundo, a fome hoje flagela cerca da metade da população, perto de 120 milhões de habitantes que amargam algum tipo de insegurança alimentar, sem as três refeições diárias. Bolsonaro deveria ter compostura e vergonha na cara para não proferir tamanho desatino. Churrasco e cerveja na sua mesa não faltam. Ao contrário. Ele mesmo já se deixou fotografar em determinado momento – numa demonstração de opulência e exibicionismo nada adequada para um mandatário – ao lado de um fornecedor que lhe servia picanha de primeira, de boi da raça wagyu, de origem japonesa, vendida nas melhores casas do ramo ao preço de R$ 1.799 o quilo. Em outra ocasião não se fez de rogado e trombeteou: "pretendo beneficiar meu filho, sim, se puder dar um filé para ele, eu dou". Na relação binária entre a família e o que parece compor o resto do povo, no seu modo de ver, vale a premissa: ao filho meu, filé mignon; aos demais, as sobras. Bolsonaro não se importa com o próximo. Nunca ligou para a sina sofrida da maioria. A gestão que desenvolve no Planalto é quase um escárnio. Para qualificá-lo como presidente não há sequer padrão de comportamento semelhante visto anteriormente no poder por aqui, tamanha a baixeza e despreparo da figura. Um ser humano desalmado, que tripudia da vida alheia – mesmo nas circunstâncias mais difíceis como na da pandemia da Covid-19, quando foi flagrado imitando, às gargalhadas, pessoas asfixiadas, com falta de ar, reclamando que não era coveiro, quando indagado sobre o que faria em relação às mortes. "E daí?", provocou, exaltado, diante das cobranças. Em estado puro, Bolsonaro é um acinte. De uma psicopatia latente. Insensível, imoral, mostrou-se sempre um completo desqualificado para o posto que ocupa. Não foi apeado dali devido aos conchavos políticos que lhe garantiram sobrevida. Sobrevida essa maior do que a daqueles que não possuem nada no prato e ainda são menosprezados por quem deveria, em primeiro lugar, atender às suas carências mais elementares. Desculpe, capitão, mas a fome não corresponde a uma ilusão de ótica. Trate de respeitar os necessitados. Eles não podem ser encarados como mero rebanho a ser cuidado apenas na hora do voto. ■

por Antonio Carlos Prado

Diretor de Edição de ISTOÉ

REPÚBLICA, VOTO E RELIGIÃO

Há um duplo crime na campanha do presidente Jair Bolsonaro com olhos na reeleição: existe um contra a Constituição Brasileira; outro diz respeito diretamente à Lei das Eleições.

Um dos basilares princípios republicanos é aquele que declara o Estado como sendo laico. Ou seja: Estado e religião são entes distintos, não se confundem, não interferem um no outro. A Carta em vigor, promulgada em 1988, deixa claro que essa laicidade está abrigada no âmbito das liberdades e garantias fundamentais. Por exemplo: cada cidadão é livre para professar o credo que escolher, mas é livre, também, para não ter nenhuma religião.

A campanha eleitoral de Jair Bolsonaro vem ignorando essa cláusula pétrea constitucional, tanto no interior de templos quanto em ruas e estradas. Pregam-se partidariamente nos cultos; Deus e reeleição se sobrepõem em festejos e caminhadas; Bíblias estão sendo entregues a policiais rodoviários federais. Nesse momento, tudo isso cruza com campanha eleitoral. Tudo isso visa, irregularmente, a conquistar votos. Tudo isso é ilícito.

Vejamos um trecho da Carta: "é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios estabelecer cultos religiosos (...) ou manter com eles relação de dependência ou aliança (...)". Cabe aqui, por exemplo, a seguinte indagação: a prática da primeira-dama do Brasil, Michelle Bolsonaro, não está sendo a de tentar estabelecer "relação de dependência ou aliança" entre os evangélicos e o presidente Bolsonaro?

Vamos, agora, à Lei das Eleições (9.504/97). Ela veda expressamente a veiculação de propaganda eleitoral em templos, da mesma forma como veda o proselitismo partidário. Fica claro que a lei infraconstitucional segue a Constituição. Torna-se vital que o Poder Judiciário tome imediatas providências em relação a esses crimes que vão minando o Estado Democrático de Direito às vésperas das eleições.

Evangélicos, assim como seguidores de quaisquer outras religiões, possuem a constitucional liberdade de darem o seu voto ao candidato que desejarem. E, igualmente, possuem o republicano direito e a constitucional garantia de escolha de candidato sem que ninguém tente induzi-los. Trata-se da garantia legal à liberdade individual, e ainda da tutela constitucional que ao mesmo tempo generaliza e individualiza — e nesse pendular não há contradição, é assim que vivem as democracias. Se ainda na fase de campanha alguém desrespeita as regras do jogo, por que esse mesmo alguém, se eleito, respeitaria os princípios democráticos? As liberdades e garantias fundamentais da cidadania existem para servir à população e, também, para salvaguardar a própria Constituição, o voto laico e o Estado de Direito.

A IMPORTÂNC CONHECIMEN

Em sua edição de julho deste ano, a revista Foreign Affairs lembrou um importante pronunciamento feito em 2022 pelo senador norte-americano Elihu Root, que antes fora ministro da Guerra e do Exterior. O tema do referido pronunciamento foi a preocupante ignorância dos cidadãos a respeito de questões internacionais. Referindo-se ao impacto da Primeira Guerra Mundial em seu país, o Root afirmou: "em nossa democracia, a crescente atenção dos eleitores ao que acontece no mundo exterior criou uma forte necessidade de educação em política internacional. Melhorar a compreensão dos eleitores a respeito dessa área é de fato essencial para que o governo possa agir com base em conhecimento e entendimento, e não em preconceitos e erros".

Tal avaliação pode e deve ser estendida a todas as questões políticas, internacionais e domésticas, e a todas as demais democracias existentes no mundo. O desconhecimento dos cidadãos a respeito de questões básicas é muito maior do que normalmente se supõe. Tome-se como exemplo a distinção entre

Referindo-se ao impacto da Primeira Guerra Mundial, o senador norte-americano Elihu Root afirmou que os eleitores desenvolveram grande atenção pelas relações internacionais

por Bolívar Lamounier

Cientista político

IA DO TO POLÍTICO

esquerda e direita, conceito sempre presente no debate público. Podemos afirmar com segurança que no máximo vinte por cento dos eleitores são capazes de interpretá-la de uma forma adequada.

Permitam-me sublinhar que me refiro a qualquer país, não apenas, como se poderia supor, ao Brasil, dados os nossos baixos índices de escolaridade. Mesmo entre as camadas sociais mais altas, e mesmo entre os integrantes do que se sói designar como "elite", a capacidade de apreender e contextualizar noções políticas é bastante baixa. Em nosso caso, é sabidamente improvável que o Legislativo e os partidos políticos, atuando de dentro para fora, sejam capazes de melhorar de forma expressiva seu desempenho. A pressão de fora para dentro é, pois, fundamental, mas de nada adiantará se sua base de conhecimentos se mantiver rala como é hoje. Na área internacional, nosso envolvimento não pode ser comparado ao dos Estados Unidos, mas tende a aumentar rapidamente, fato evidenciado pela importância de nossas exportações de commodities (soja, alimentos, minérios etc) e pela ardida questão do desmatamento da Amazônia. Criticar governos é fácil, mas criticar sem base e seriedade não leva a lugar algum. Não imagino que toda a sociedade, ou mesmo a elite, vá se debruçar sobre complexas obras de filosofia ou de ciência política, mas a atual oferta de conhecimentos é ampla e diversificada. Saber como diferentes países são governados torna-se a cada dia mais fácil e útil.

por Cristiano Noronha

Cientista político

A FORÇA DA NOSSA DEMOCRACIA

Fala-se que nossa democracia está em risco. Que corremos risco de ruptura. Não compartilho com essa avaliação, apesar de reconhecer alguns exageros. Críticas infundadas e informações distorcidas são veiculadas com frequência, em especial por meio das mídias sociais. Mas sempre podemos enxergar um copo meio cheio ou meio vazio. Em geral, gosto de me ater aos aspectos positivos de determinadas situações. E vejo alguns no processo eleitoral que estamos vivendo. O primeiro deles diz respeito ao perfil dos nossos candidatos. Sei que essa feição está longe do ideal, que ainda não reflete a nossa sociedade. Mas, como disse, gostaria de ressaltar os números positivos. Todos os partidos que disputam o pleito este ano cumpriram o mínimo de 30% de candidaturas femininas, cota prevista por lei. Em 2014, tivemos apenas 47 candidatas ao posto de vice-governadora. Em 2018, foram 76. Agora, são 89.

Quando consideramos todos os cargos em disputa, em 2014 tínhamos 8.123 mulheres concorrendo. Em 2018, o número subiu para 9.204. Neste ano, são 9.415. O total de candidatos chega a 28.281. Depois de uma campanha exitosa incentivada pela Justiça Eleitoral, o número de alistamento de jovens de 16 e 17 anos aumentou consideravelmente. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em 2018, os eleitores entre 16 e 17 anos somavam 1,4 milhão (0,95% do total). Hoje há 2.116.781 eleitoras e eleitores nessa faixa etária aptos a votar nas urnas eletrônicas, o que representa mais de 1,3% do total do eleitorado nacional. Ou seja, em quatro anos, o número de jovens de 16 e 17 anos prontos para votar cresceu mais de 51%.

Outro dado a ser ressaltado é que, pela primeira vez, o número de pedidos de registro de candidatos negros junto ao TSE superou o de candidatos brancos. Foram registradas 14.015 candidaturas negras (49,57%) e 13.814 brancas (48,86%). Em 2018, foram 13.543 negros e 15.241 brancos. Outro sinal muito claro da força da nossa democracia foi a atenção que a posse do ministro Alexandre de Moraes como presidente do TSE despertou. Ao ressaltar a transparência do processo eleitoral, foi amplamente aplaudido na cerimônia de posse.

Todos os partidos que disputam o pleito este ano cumpriram a cota de 30% de candidaturas femininas, como prevê a lei

Como disse, temos muita coisa para resolver e melhorar quanto à qualidade da nossa representatividade. Nosso Congresso Nacional, por exemplo, não tem maioria de mulheres, tal qual nosso eleitorado. As mulheres somam 53% do eleitorado e elegeram apenas 77 deputadas federais em 2018. Mas em relação a 2014, houve crescimento de 51%. Os mais ricos têm mais chances de serem eleitos – afinal, uma campanha é cara. Mas, quando olhamos para trás, é possível verificar o quanto já melhoramos.

Frases

“Dedico essa conquista ao Brasil”

ANITTA, cantora, após ganhar na semana passada o prêmio internacional da MTV

“Grande parte dos eleitores já se decidiu. Difícilmente haverá mudanças bruscas nas pesquisas por causa do debate”

FELIPE NUNES,
diretor da Quaest Pesquisas

“AO CHEGAR AOS 50 ANOS, O NARRADOR DA HISTÓRIA, ASSIM COMO EU, SE DEU CONTA DAQUILO QUE ERROU E ACERTOU NO DECORRER DA VIDA”

MARCELO RUBENS PAIVA,
escritor, após lançar o romance *Do começo ao fim*

“NÃO HÁ RIVALIDADES ENTRE NÓS”

DALTON MELLO,
ator, a respeito das comparações com Selton Mello, seu irmão, que tem a mesma profissão

por Fernando Lavieri

“NÃO HÁ PREOCUPAÇÃO EFETIVA DOS GOVERNOS PARA SOLUCIONAR A EMERGÊNCIA CLIMÁTICA”

FARHABA YASMIN, ativista ambiental e articuladora do Acordo de Paris

“A poesia é uma expressão vital da vida”

ARMANDO FREITAS FILHO, poeta

“Não tem jeito, o combate à inflação causará dor às famílias”

JEROME POWELL, presidente do Banco Central dos Estados Unidos

“SINTO-ME ESTIMULADA DIANTE DOS DESAFIOS PROFISSIONAIS”

NICOLE KIDMAN, atriz norte-americana, ao garantir que o momento de encerrar a carreira está longe

“Tenho sido relutante em reconhecer que devo deixar o esporte para trás”

SERENA WILLIANS, tenista norte-americana

“A LEI DE COTAS SIGNIFICA UMA REVOLUÇÃO PARA A HISTÓRIA DO ENSINO SUPERIOR”

MARCELE PEREIRA, vice-presidente da Andifes, entidade dos dirigentes de universidades federais

“SER ATENDIDO POR UM MÉDICO NEGRO VAI MUITO ALÉM DA REDISTRIBUIÇÃO DE RENDA”

MARCELO PAIXÃO, sociólogo e economista, referindo-se as mudanças sociais a partir das políticas de ações afirmativas

“Existe mentira no ar”

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA, ex-presidente da República, sobre a declaração de Jair Bolsonaro de manter o Auxilio Brasil no valor de R$ 600,00 caso seja reeleito

“Todos estão vendo o crescimento da miséria e da fome. Pessoas comem o pão com tal velocidade que parece que vão devorar as próprias mãos”

PADRE JÚLIO LANCELOTTI, Coordenador da Pastoral do Povo da Rua

FOTOS: JOHNNY NUNEZ/GETTY IMAGES FOR MTV/PARAMOUNT GLOBAL; DARYAN DORNELLES/FOLHAPRESS; STEPHANE CARDINALE - CORBIS/CORBIS VIA GETTY IMAGES; SUAMY BEYDOUN/AGIF/AFP

por Germano Oliveira

Colaboraram: Marcos Strecker e Ana Viriato

Brasil Confidencial

DISCRETA Rosa Weber assumirá a presidência do STF prometendo distância dos políticos

Mulheres no poder

A posse da ministra **Rosa Weber** como a nova presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) no próximo dia 12 inaugura um período inédito na Justiça brasileira, em que as mulheres comandarão os dois principais tribunais do País pelos próximos meses. É que além de uma magistrada assumir o lugar do ministro Luiz Fux dentro de dez dias, uma outra juíza acaba de ser empossada na presidência do Superior Tribunal de Justiça (STJ): a ministra Maria Thereza de Assis Moura ficará no cargo até 2024. Já Rosa presidirá o STF até outubro de 2023, quando completará 75 anos e se aposentará. Nesse período à frente do Supremo, Rosa pretende manter sua postura low profile, de somente se manifestar nos autos, não conceder entrevistas e muito menos ter contatos mais estreitos com políticos.

Democracia

A futura mandatária do STF deixou claro aos assessores que deseja afastar o tribunal do atual clima de escaramuças políticas, tirando a instituição do centro das disputas entre os poderes, como vem ocorrendo nos últimos anos. Rosa, porém, não deixará de tomar medidas duras na defesa da democracia e do Estado de Direito sempre que necessário.

Aborto

Logo no começo do mandato, Rosa deverá pautar assuntos polêmicos, como a descriminalização do aborto. Ela ainda não definiu a agenda das futuras sessões do STF, mas essa questão será abordada em breve pelo tribunal. Rosa já mostrou que não teme assuntos espinhosos: no final de 2021, suspendeu a execução das emendas do orçamento secreto.

Distante do Fla-Flu político

Em meio ao ambiente polarizado do país, o ex-governador e candidato a deputado federal pelo PSB-DF Rodrigo Rollemberg conseguiu um feito raro. Pesquisas mostram que ele tem a simpatia de eleitores tanto de Bolsonaro como de Lula. Ou seja, está acima do Fla-Flu político. Ainda cultiva a imagem de quem resolveu as contas do DF. Se eleito para a Câmara, Rollemberg é forte candidato a liderar o PSB na casa.

RÁPIDAS

* Depois que Michelle Bolsonaro passou a pedir votos para o capitão em igrejas evangélicas e marchas para Jesus, a socióloga Rosângela da Silva, a Janja, deu início a eventos "solo" nas ruas, enquanto Giselle Bezerra, a mulher de Ciro, participa de programas na Internet.

*** Simone Tebet disse na Globo que parte do MDB tentou puxar seu tapete para que ela não fosse candidata a presidente. Esqueceu de falar que esse mesmo grupo a traiu quando ela foi candidata a presidente do Senado.**

* Proibidos de usar suas redes sociais bloqueadas por decisões do STF, candidatos investigados por atos antidemocráticos burlam a lei usando canais de terceiros. É o caso de Roberto Jefferson e do deputado Daniel Silveira.

*** Bolsonaro transformará uma motociata no Sete de Setembro no Rio, a partir das 13h, em um ato de campanha. Depois do passeio dos motociclistas em Copacabana, o capitão subirá num palanque e discursará. Preparem-se.**

FOTOS: CARLOS MOURA/SCO/STF; RUY BARON/VALOR; ANDRESSA ANHOLETE/GETTY IMAGES; ROQUE DE SÁ/AGÊNCIA SENADO; ANDERSON RIEDEL/PR; MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

RETRATO FALADO

"Não tem fome no Brasil"

*Ao rebater o ex-presidente Lula que disse na Globo que se for eleito o povo voltará a comer picanha, **Bolsonaro** afirmou na sexta-feira, 26, que não existe fome no Brasil, como diz a oposição. Ignorando que o País tem 33 milhões de pessoas em miséria absoluta, o presidente disse que a esquerda vende ilusões. "Dizem que haverá picanha para todo mundo, mas eu digo: não tem filé-mignon para todos." Para ele, quem estiver no mapa da fome deve se cadastrar no Auxílio Brasil.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

CARLOS VIANA (PL-MG), SENADOR E CANDIDATO AO GOVERNO DE MINAS GERAIS

Qual a sua aposta para o tom do presidente no Sete de Setembro?

O presidente deverá ser firme em suas opiniões, como sempre, mas ele sabe que é chefe de um dos poderes e que o País precisa de diálogo e entendimento.

Qual a chave para virar o jogo em Minas?

À medida que o povo conhecer de perto o que foi feito em Minas, e não se atentar apenas às discussões sobre o comportamento de Bolsonaro, conseguiremos virar.

Bolsonaro lhe pediu para "maneirar" nos ataques a Romeu Zema. Acatará?

O presidente diz não ter nada contra Zema. Mas quem comanda Minas não é o governador, mas o Novo, um clube de milionários estreante na política cuja função é esvaziar o patrimônio público, privatizando a preços baixos.

A correção do IR

A falta de correção da tabela do Imposto de Renda é hoje uma das maiores injustiças fiscais contra os mais pobres e a classe média e é um assunto recorrente em toda campanha eleitoral. Sem correção desde 2015, hoje é isento quem recebe até R$ 1,9 mil por mês. Se a tabela não for corrigida, quem recebe até 1,5 salário mínimo vai ter que pagar imposto no ano que vem. Por isso, tanto Lula como Bolsonaro prometem, em seus planos de governo, corrigir o IR – Bolsonaro prometeu o mesmo em 2018 e não cumpriu a promessa até agora. Ocorre que na medida em que o governo isenta um número maior de pessoas, isso implica em grande redução no recolhimento de impostos.

As promessas

Lula promete isentar quem ganha até R$ 5 mil mensais, resultando numa renúncia fiscal de R$ 199,8 bilhões e 17,2 milhões de isentos. Bolsonaro quer isentar quem ganha até R$ 6.060, com uma renúncia de R$ 226,8 bilhões e 18,5 milhões isentos. Os dois prometem taxar lucros e dividendos dos mais ricos.

Candidatos do caos

Protagonistas dos principais erros do governo Bolsonaro na condução da pandemia, como o incentivo ao uso de medicamentos sem comprovação científica, **Mayra Pinheiro**, conhecida como "Capitã Cloroquina", e o ex-ministro Eduardo Pazuello receberam R$ 500 mil do PL para tocarem suas campanhas: ela a deputada estadual no Ceará e ele a federal no Rio.

Outros denunciados

Além deles, o grupo político de Bolsonaro está incentivando a candidatura de outros dezoito denunciados na CPI da Covid no Senado, como é o caso da médica Nise Yamaguchi, que disputa uma vaga na Câmara por São Paulo. O empresário Otávio Fakhoury, suspeito de disseminar fake news, disputa como suplente a uma vaga no Senado pelo PTB no Amapá.

A derrota de Wajngarten

Ex-chefe da Secretaria de Comunicação (Secom) de Bolsonaro, o lobista Fábio Wajngarten saiu derrotado em ação por danos morais que moveu contra a ISTOÉ e este colunista, por causa de uma capa da revista que o chamou de "Manipulador do Planalto". O juiz Seung Chul Kim julgou a ação improcedente. A Editora Três foi representada pela advogada Lucimara Ferro Melhado.

Coluna do Mazzini

O SEGREDO DA ILHA – PARTE 2

Ganha contornos políticos o imbróglio da posse da mansão da Ilha Comprida de Angra dos Reis, revelada pela Coluna. A casa tem amplo deck, heliponto, cachoeira e era bem visitada pela alta sociedade. O senador Flávio Bolsonaro já passeou pela ilha com o então ministro Tarcísio de Freitas no início do ano. Os caseiros dos empresários que se dizem donos desde 2011 foram despejados numa operação policial em maio, e agora homens com submetralhadoras guardam a casa. De um lado, um jogador da seleção de futebol e um sócio de Minas, que alegam ter comprado a posse da M.Locadora, em contratos apresentados nos autos. De outro, clientes do advogado Willer Tomaz, próximo da família Bolsonaro. Willer desconhece a transação da outra parte, alega que pagou a posse e mais R$ 2 milhões em impostos pendentes. A briga está na mesa do desembargador Adriano Guimarães (TJRJ), que deu liminar para os clientes de Willer. O juiz analisa as documentações para saber se a M.Locadora vendeu o imóvel aos dois lados.

Disputa por mansão em Angra está com desembargador do TJRJ. De um lado um jogador da seleção e, de outro, um advogado próximo do clã Bolsonaro

Marinha boia no mistério do piche

A Marinha e a Polícia Federal descobriram que foi oriundo de navio de bandeira grega o piche derramado na costa do Brasil em 2019. Até hoje não se sabe se propositalmente ou se por acidente. Fato é que o problema voltou – em praias de Pernambuco, Paraíba e Bahia. Exatos três anos depois do primeiro caso, muito piche reapareceu na areia. A Marinha investiga e, a priori, indica que pode ser o mesmo material à deriva em alto-mar, trazido por correnteza. A despeito disso, o pior é o descaso de autoridades gregas, que sequer enviaram documentos requisitados pela PF. O escritório representante da embarcação no Brasil foi indiciado. E só.

Mercado de olho nele

Economista e ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda no Governo de Lula, de 2003 a 2005, e hoje diretor-presidente do Insper, Marcos Lisboa é o nome do petista para a Economia se vencer a eleição. Mas só alguns poucos da turma da Av. Faria Lima sabem. O que tem atrapalhado o PT no apoio de grandes empresários na campanha.

Um acordo com Alckmin: pé na estrada

Há um segredo na cúpula do PT e PSB, que não desceu (ainda) para as hostes. Lula e Alckmin têm um trato sobre como será a gestão de eventual Governo. O gerenciamento do dia-a-dia fica com o ex-governador, com forte agenda administrativa e política no Anexo do Palácio. Lula quer pegar o avião e rodar o País para tocar e fiscalizar os programas sociais. Agenda do Congresso ficaria a cargo de político de bom trânsito suprapartidário – cogita-se Márcio França (PSB), seja eleito ou não senador. Falta combinar com o eleitor de Bolsonaro, que pode surgir colado no petista dia 3 de outubro, segundo os institutos.

FOTOS: REINALDO CANATO/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO; ADRIANO MACHADO/REUTERS/FOTOARENA

por Leandro Mazzini

Colaboraram: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

Por que os vices não aparecem?

Há um cenário curioso na campanha. Jair Bolsonaro e Lula da Silva estão escondendo seus vices – ou pelo menos, não lhes soltam mais à vitrine que merecem. O Brasil já sabe a importância de conhecer o perfil de um candidato a vice desde os tempos da posse de Itamar Franco. No caso dos presidenciáveis, o que mais consta entre congressistas é: Lula tem receio de que Alckmin lhe faça sombra, e Bolsonaro o medo de a população associar demasiadamente o linha-dura Braga Netto às Forças Armadas e à famigerada expressão golpe militar. Braga e Alckmin têm seguido uma tímida agenda eleitoral.

Lula sonha com o seu Nobel da Paz

Lula da Silva já tem um plano pessoal se ganhar a eleição. Ele quer retomar as viagens para dezenas de países, com dois propósitos: limpar sua biografia após a prisão da Operação Lava Jato, e aparecer como estadista que luta para erradicar a fome no Brasil, almejando o Nobel da Paz.

Receita sem freios

Acostumada a cercar de grandes a pequenas empresas que atrasam impostos, a turma da Receita Federal não economiza nos serviços contratados. Pelo menos no Paraná. Vai pagar R$ 931 mil à D & S Perícia Veicular para serviços de inspeção em veículos apreendidos na 9ª região fiscal, por um ano de contrato. Nada de parceria com o Detran.

O aceno de Francisco

Com as recentes nomeações, o Papa Francisco fez forte aceno aos progressistas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O agora cardeal Dom Leonardo Steiner, do Amazonas, um progressista, defende o casamento de homoafetivos.
É sinalização também de que o Vaticano terá que olhar atento para as questões do meio ambiente.

NOS BASTIDORES

Pedido de Salim Mattar

O ex-ministro Salim Mattar tem doado para campanha de candidatos a deputado federal, seu foco, com a condição de que apoiem o PL que libera venda de remédios em mercados.

Heliponto no Pantanal

A FAB cancelou o plano de segurança do aeródromo, mas a ANAC confirma que o que vale é o registro de seu escopo, para o heliponto do SESC no posto de Proteção Ambiental Santa Maria, em Melgaço (MT).

Venezuelanos no IBGE

Bolsonaro declarou que "acolhemos venezuelanos". Quis mostrar o quanto é dedicado às causas humanitárias. Na verdade, ele não acolhe ninguém: os venezuelanos que entram no Brasil vão vivendo como podem. O IBGE já cadastrou 3.000 famílias em Roraima.

O Brito redivivo

A família do saudoso Orlando Brito eterniza sua extensa obra com o lançamento do site www.orlandobrito.com. A página expõe parte de seu trabalho para consulta e também vende fotografias na loja virtual.

Semana

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

BRASIL

O Senado e o direito à saúde

VOTAÇÃO SIMBÓLICA
Plenário praticamente vazio: retorno ao rol rotativo

Para o bem de um Brasil no qual cresce o número de idosos que adoecem sem rendimentos para comprar sequer um esparadrapo, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, e a sua argumentação rasteira perderam na questão sobre a cobertura de planos de saúde. O Senado, embora com o plenário praticamente vazio, aprovou o projeto de lei que obriga as operadoras a arcarem com tratamentos que não constem do rol estabelecido pela ANS: é o fim da camisa de força do rol taxativo, que deixava usuários sem possibilidade de receber procedimentos que não constassem dessa lista, conforme determinação do STJ. Agora, o plano será obrigado a fornecer todos os serviços, desde que eles apresentem comprovação científica. Voltemos, aqui, ao **argumento lugar-comum de Queiroga: diz ele que o custo será repassado ao conveniado. Pois bem, é justamente ao ministro e aos órgãos reguladores que competem não deixar que isso ocorra**. O projeto de lei que fez renascer o rol rotativo seguiu para sanção presidencial – a expectativa era a de que o Planalto se manifestasse até a sexta-feira 2. Entende-se, numa economia quebrada como a nossa, que operadoras reclamem da queda de seus lucros – afinal, são empresas e é justo que ajam com tal racionalidade. Mas também é preciso levar em conta, dentro dos contornos da mesma economia, que não é luxo, mas sim direito, um doente que pague as mensalidades poder tratar-se. **Ambos os lados, operadoras e usuários, têm razão nesse intrincado impasse que está longe de chegar ao fim**.

✚ *Rol taxativo os planos de saúde somente cobrem procedimentos que estão previstos pela ANS*
✚ *Rol exemplificativo a lista da ANS é apenas uma base. Demais tratamentos têm igualmente de ser cobertos desde que prescritos por médicos e demonstrada a sua eficácia*

48 milhões
de conveniados estão sem tratamento após a determinação do STJ de fazer valer o rol taxativo da ANS. A expectativa é de que tal situação se reverta com a sanção do Planalto ao retorno do rol exemplificativo aprovado pelo Senado. As operadoras podem ingressar na Justiça

FOTOS: ROQUE DE SÁ/AGÊNCIA SENADO; ISTOCKPHOTO

OMISSÃO Kesley Vial e o centro de detenção onde ele morreu no Novo México: descaso com os imigrantes

DIREITOS HUMANOS

Os EUA têm de ser condenado pela morte do brasileiro Kesley Vial

O jovem brasileiro de 23 anos Kesley Vial morreu na semana passada em um centro norte-americano de detenção para imigrantes ilegais. Estava nesse lugar, no estado do Novo México, há quatro meses. Não resta a menor dúvida de que os EUA têm de responder por esse crime perante cortes internacionais – Kesley foi detido com vida e em plena saúde, ficou sob a guarda do Estado americano e, nessa situação, morreu. Basta isso para que o governo federal seja civilmente responsabilizado, mas o caso vai além: o Centro de Detenção do Condado de Torrance, para onde Kesley foi levado após ser detido pela Guarda da Patrulha de Fronteiras de El Paso, no Texas, acumula denúncias de maus-tratos feitas por órgãos de direitos humanos de diversos países. Segundo Rebecca Sheff, advogada da União Americana pelas Liberdades Civis, o jovem se suicidou. Esse fato não diminui – provavelmente agrava – a culpa da administração federal pela negligência em relação àqueles que estão em sua custódia. Precisou que um brasileiro perdesse a vida para que o governo providenciasse, na quarta-feira 31, a remoção dos imigrantes lá internados.

CORRIDA PELO VOTO *A Justiça Eleitoral totalizou e divulgou na semana passada o número de candidatos inscritos, referente ao Poder Legislativo e aos governos estaduais, para as eleições do mês que vem.*

10.456 candidatos a deputado federal

592 candidatos às Câmaras Distritais

236 candidatos ao Senado

233 candidatos a governador

FOTOS: MATT YORK/AP PHOTO; REPRODUÇÃO; ROVENA ROSA/AGÊNCIA BRASIL

TRÊS

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

ISTOÉ

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Ana Viriato (Brasília), Felipe Machado e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: Denise Mirás, Elba Kriss, Fernando Lavieri, Gabriela Rölke, Mirela Luiz, Taísa Szabatura e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Editores-assistentes: André Ruoco e Heitor Pires
Reportagem: Alan Rodrigues, Carlos Carvalho, Cristiani Dias, Ingrid Rodrigues, Larissa Pereira, Leticia Sena, Mariana Stocco, Natália Ferreira e Vinícius Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Frédéric Jean
Pesquisa: Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

ANER
www.aner.org.br

Estrategistas de campanha estão preocupados com a raiva e o descontrole de Jair Bolsonaro quando sofre a mínima contrariedade ou tem que lidar com mulheres que não pensam como ele. Não se conectar com o poder e a inteligência femininos, em um evidente menosprezo de gênero, poderá ser a causa de sua derrota eleitoral. ISTOÉ reúne algumas agressões e ofensas despropositadas proferidas por ele ao longo do tempo

Vicente Vilardaga e Gabriela Rölke

MASCULINIDADE TÓX

FOTOS: ISTOCK (CAPA), FELIPE ARAÚJO/AFP, ISTOCK

O esforço permanente de rebaixamento das mulheres faz parte da genética bolsonarista. E pode ser uma das principais causas do derretimento da candidatura de Jair Bolsonaro (PL) daqui para frente. A cada dia que passa fica mais claro que o presidente e seus seguidores têm algo contra o crescente poder feminino em todas as esferas da vida em sociedade. Sempre que uma mulher demonstra qualidade profissional ou lhe faz uma crítica, ele lança algum tipo de ironia machista ou age com agressividade extrema. Em poucas semanas de campanha, Bolsonaro já mostrou a que veio. Agrediu com um empurrão na cara uma opositora, artista plástica de 32 anos, em Juiz de Fora, no seu primeiro ato público, porque foi chamado de fascista. Além disso, foi grosseiro com adversárias na corrida presidencial, classificando a senadora Simone Tebet (MDB) de "vergonha do Senado" e destratando a jornalista Vera Magalhães ao falar que ela sonhava com ele, no primeiro debate realizado domingo, 28, pela Band TV. Esse destempero tem sido sua marca registrada desde a década de 1990, quando, depois de criticado por um grupo de mulheres, atacou uma delas, Conceição Aparecida Aguiar, pelas costas diante de uma agência do Banco do Brasil, no bairro de Deodoro, no Rio. Entre outras acusações contra o presidente, uma das mais aterrorizantes é a de ameaça de morte feita pela ex-mulher Ana Cristina Valle, em 2011.

XICA

Mas o caso que melhor define a sua personalidade política e mais expõe seus sentimentos conflitantes em relação às mulheres é o que envolveu a deputada Maria do Rosário (PT-RS), xingada por ele de "vagabunda" em 2014. Numa fala ultrajante, que escandalizou todos os brasileiros decentes, Bolsonaro afirmou que não a estupraria porque ela era muito feia e não merecia. Os impropérios lhe valeram uma derrota judicial inapelável e escancararam a sua masculinidade tóxica. Em 2003, 11 anos antes, ele havia agredido a deputada verbalmente com o mesmo xingamento e com empurrões, mostrando que se trata de uma obsessão doentia. O atual presidente também espalha boçalidades e frases de duplo sentido contra jornalistas dizendo que elas querem dar "um furo", como fez com a repórter Patrícia Campos Mello, do jornal Folha de S.Paulo, e defende a desigualdade salarial entre homens e mulheres que exercem a mesma função com argumentos machistas. Costuma chamar aquelas mulheres que não concordam com ele de "incompetentes" ou "mentirosas" e considera que ter filhas em vez de filhos é uma fraqueza. Desde a juventude, dá demonstrações de aversão ao sexo feminino, demonstrando a chamada misoginia. Em embate com Lula (PT), ao longo da semana, em que foi acusado de odiar mulheres, Bolsonaro retrucou que a prova de que ele tem uma boa relação com o sexo oposto era "o semblante da primeira-dama". Mas sua intimidade com a pragmática Michelle mal esconde o desprezo pela alma feminina e a dificuldade em ter uma convivência equilibrada e cordial com suas semelhantes.

A fatura eleitoral pelo estranhamento com as mulheres está sendo cobrada de Bolsonaro. Ele enfrenta uma rejeição mais expressiva entre elas do que entre os homens em quase todas as classes sociais, idades e religiões, o que pode sacramentar sua derrota na disputa. As eleitoras percebem que ele só se sente à vontade na companhia de sujeitos armados e truculentos contando piadas grosseiras e falando baixarias. O presidente é incapaz de passar uma mensagem de empatia ou solidariedade, como se viu durante toda a pandemia, que ceifou a vida de 684 mil brasileiros, enquanto ele fazia imitações grotescas de pessoas asfixiadas e promovia o negacionismo. Quando as mulheres reclamam de sua postura, ele diz que se tratam de reclamações infundadas de esquerdistas. Mas a pesquisa Ipesp divulgada há um mês, por exemplo, mostrou que Bolsonaro tem apenas 30% do eleitorado feminino, contra 48% de Lula. Levantamento do Datafolha mostrou também que embora tenha diminuído, a rejeição ao presidente entre as mulheres é de 54%. Já a do adversário direto é de 44%. A empresa de pesquisa PoderData, que realiza levantamentos de intenções de voto a cada duas semanas, mostra que o desempenho de Bolsonaro nesse público tem ficado sempre, nos últimos 90 dias, numericamente abaixo do registrado entre a população em geral, com uma diferença que oscila entre 4 e 6 pontos percentuais.

"Bolsonaro vê uma hierarquia em que o gênero feminino está sempre em desvantagem social ou intelectual"
Carolina Botelho, cientista política

Michelle tem ajudado a recuperar parte das perdas sofridas pelo marido nesse eleitorado, principalmente entre mulheres evangélicas. Mas muitos grupos resistem ao proselitismo da primeira-dama, que tenta transformar a eleição numa ridícula guerra santa. É o caso das religiosas mais pobres, que captam e resistem à cultura do ódio de Bolsonaro. Além disso, sabe-se pelas pesquisas que as mulheres bolsonaristas são as eleitoras mais voláteis e 36% delas admitiam mudar de candidato no início da campanha. "Bolsonaro tem uma ligação com o meio evangélico popular, mas é uma ligação com ressalvas. A conduta dele não é aquela que se espe-

MARIA DO ROSÁRIO

Em 2014, o então deputado Bolsonaro afirmou que a deputada Maria do Rosário (PT) **não merecia ser estuprada porque ele a considerava "muito feia"** e porque ela não faz seu "tipo". Ele foi condenado em 2015 a pagar indenização de R$ 10 mil por danos morais e a sentença transitou em julgado

PATRÍCIA CAMPOS MELLO

Em 2018, durante as eleições, Bolsonaro falou em entrevista, diante de apoiadores no Palácio do Alvorada, que **a repórter queria um determinado tipo de matéria em troca de sexo.** Disse também que "ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim". Por conta das ofensas, Bolsonaro já foi condenado em segunda instância

FOTOS: EDUARDO MIRANDA; BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO/FLIRCK

ACINTE Manifestantes na Cinelândia, no Rio de Janeiro, lembram de ofensa dita por Bolsonaro: para ele, ter uma filha em vez de um filho é fraquejar

ra de um cristão, principalmente pela questão do destempero", diz o cientista político Vinícius do Valle, diretor do Observatório Evangélico. Diante disso, as situações vividas no debate podem ter tido efeitos bastante negativos e causado ainda mais desgaste para o presidente entre o público feminino, principalmente porque não se trataram de episódios isolados mas de uma repetição de atitudes cristalizadas. Para muitas eleitoras, afirma Valle, seu comportamento durante a pandemia foi inaceitável e desalmado e o que ele faz atualmente é repetir esse padrão. "O voto masculino rejeita menos Bolsonaro porque o homem está inserido em uma cultura machista que minimiza comportamentos como os dele", diz. "Já as mulheres veem essas atitudes criticamente e não as relativizam."

Para a cientista política Carolina Botelho, pesquisadora do Doxa/Iesp/UERJ e do Mackenzie, o comportamento agressivo de Bolsonaro com mulheres atrapalha sua tentativa de alcançar grupos distintos do eleitorado. "Bolsonaro já tem um eleitorado fiel que gosta desse tipo de declaração misógina e que se identifica com ele, seja homem

PRETA GIL

Em 2011, no extinto programa CQC, da Band TV, questionado pela cantora como reagiria se um de seus filhos se envolvesse com uma mulher negra, Bolsonaro respondeu: **"Não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja.** Não corro esse risco. Meus filhos foram muito bem educados e não viveram em um ambiente como o seu"

SIMONE TEBET

No debate de domingo, questionado pela senadora sobre o motivo de sua raiva das mulheres, Bolsonaro disse para a candidata **deixar de fazer "joguinhos de mimimi" e falou para ela parar com o vitimismo.** Com agressividade excessiva, declarou também que Simone Tebet era uma "vergonha no Senado Federal"

FOTOS: ADRIANO VIZONI/FOLHAPRESS; FELIPE REIS

ou mulher", diz. "Numa eleição, a ideia é buscar votos e ampliar o eleitorado para além do próprio grupo". Ela explica que, no cálculo eleitoral, o presidente precisaria ir atrás do eleitor que não se identifica com esse tipo de declaração. Mas ele faz o trabalho contrário: se mantém com a base dele e não ganha nada eleitoralmente. "E pode até perder: pessoas que estão indecisas podem acabar se decidindo contra ele porque o presidente age de forma totalmente radical, com um comportamento beligerante e misógino", afirma.

Quanto ao desprezo de Bolsonaro pelas mulheres, a cientista política avalia que, do ponto de vista pessoal, "é o que ele acha mesmo, a gente não tem mais dúvida, ele pensa exatamente isso das mulheres", destaca. "Vê uma hierarquia segundo a qual o grupo feminino está sempre, de certa forma, em desvantagem — seja intelectual, social ou sei lá o que se passa na cabeça dele". Já do ponto de vista da ação política do presidente, Carolina ressalta que o comportamento dele demonstra desprezo por todas as transformações da sociedade nas últimas décadas em relação a políticas identitárias a partir da Constituição de 1988. "Ele se nega, portanto, a respeitar os direitos consagrados na Carta Magna". As últimas declarações misóginas do presidente, portanto, são bastante simbólicas. "O que ele diz é o seguinte: 'Eu não reconheço você, senadora, jornalista respeitada, como uma pessoa a quem eu deva respeito. Eu me nego a enxergar as evidências da transformação do mundo e sigo ligado ao mundo atrasado, pré 1988'", resume a pesquisadora.

Há indicações fortes de que Bolsonaro perde votos entre mulheres conservadoras que são atraídas por suas pautas de costumes mas percebem que o presidente se lixa para a vida do próximo e para as questões femininas. Vetou recentemente, por exemplo, o projeto que garantia absorventes íntimos para as mulheres de baixa renda. Sua visão ultramachista — ele se tornou conhecido se opondo a pautas de gênero e sexualidade — cria os mesmos entraves já detectados nas eleições de 2018. Na ocasião, como lembra a antropóloga Isabela Oliveira, coordenadora do curso de Sociologia da

MARINOR BRITO

Bolsonaro quase chegou às vias de fato com a então senadora Marinor Brito (PSol-PA) depois de uma reunião da Comissão de Direitos Humanos do Senado em que se debatia a criminalização das manifestações homofóbicas, em 2011. A discussão entre os dois **terminou em agressões verbais e físicas**

VERA MAGALHÃES

Após falar do atraso da vacinação e criticar a postura de Bolsonaro na pandemia em uma pergunta a Ciro Gomes no debate de domingo, a jornalista foi ofendida e chamada de mentirosa. "Vera, não podia esperar outra coisa de você, você dorme pensando em mim. **Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro",** disse o presidente

FOTOS: MIDIA NINJA; AGÊNCIA SENADO; SUAMY BEYDOUN/AGIF/AFP

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), Bolsonaro contou com a facada para se humanizar e se tornar mais palatável para o público feminino. "Sua imagem menos viril e fragilizada atraiu parte desse público", diz. Em 2022, até agora, não houve nenhum fato capaz de criar o mesmo efeito eleitoral e reverter a tendência desfavorável entre as mulheres. "O que vemos agora é que o estímulo ao uso de armas e o desrespeito ao luto das pessoas durante a pandemia está causando prejuízos políticos", afirma.

PROTESTO Mulheres reagem ao machismo desavergonhado de Bolsonaro em manifestação em Belo Horizonte: presidente despreza pautas femininas

A masculinidade tóxica envolve um espírito de enfrentamento permanente contra adversários imaginários que desafiam uma virilidade claudicante. Há comportamentos específicos e traços exagerados do sexo masculino que acabam trazendo mais malefícios do que benefícios para si e para os próximos. É um tipo de masculinidade que promove estereótipos nocivos, preconceituosos e associados ao machismo que representam uma regressão social. Na folha corrida de Bolsonaro contra as mulheres entra também sua agressão à ex-presidente Dilma Rousseff, Em 2016, ao declarar o voto favorável ao impeachment da ex-presidente, Bolsonaro o dedicou à memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, "o pavor de Dilma Rousseff", elogiando a tortura e fazendo chacota das vítimas da ditadura. Dilma foi barbaramente torturada por Ustra. A masculinidade bolsonarista inclui a apologia da tortura e a promoção da violência. Outro excesso do deputado Bolsonaro foi cometido contra a senadora Marinor Brito (PSol-PA), em 2011. Ele quase chegou às vias de fato contra ela depois de uma reunião da Comissão de Direitos Humanos do Senado em que se debatia a criminalização das manifestações homofóbicas.

No debate de domingo, onde chegou acompanhado de um grupo composto basicamente por homens, Bolsonaro foi questionado pela senadora Simone Tebet sobre o motivo de sua raiva das mulheres. Diante da pergunta, disse para a candidata deixar de fazer "joguinhos de mimimi" e falou para ela parar com o "vitimismo". Após mencionar o atraso da vacinação e criticar a postura de Bolsonaro durante a pandemia em uma pergunta a Ciro Gomes (PDT) durante o debate, a jornalista Vera Magalhães também foi ofendida e chamada de mentirosa e de vergonha. "Vera, não podia esperar outra coisa de você, você dorme pensando em mim. Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro", disse o presidente. Sem sombra de dúvida, a masculinidade doentia de Bolsonaro está associada a algum distúrbio psíquico e o leva a perder o controle em situações de diálogo. Na sua psicologia política, ele não perde uma oportunidade de achincalhar mulheres e se mostrar superior. Com homens ele não mostra a mesma agressividade e leva desaforo para casa. Um sujeito que arruma tantas brigas com mulheres é porque não está entendendo nada e, provavelmente, tem algum defeito genético. ■

Bolsonaro agride mulher

CONCEIÇÃO APARECIDA AGUIAR

Já deputado federal e tentando se reeleger, **Bolsonaro agrediu a gerente da Planajur,** empresa de consultoria jurídica que atendia o Exército, em 1998, em frente a uma agência do Banco do Brasil, no Rio. Conceição foi agredida pelas costas durante discussão com uma correligionária de Bolsonaro

FOTO: REPRODUÇÃO JORNAL DO BRASIL

A imobiliária BOLSONARO

Usando na campanha a **imagem de "incorruptível"**, presidente precisa explicar como ele e a família usaram **R$ 25,6 milhões** em **dinheiro vivo** para comprar **51 imóveis** ao longo dos últimos **32 anos**. Oposição promete explorar o caso na campanha e na Justiça

Ana Viriato

FAMÍLIA UNIDA
Os três filhos políticos do presidente, Flávio, Carlos e Eduardo, são donos de 19 apartamentos e salas comerciais, que custaram R$ 15,7 milhões

Algumas das principais explosões emocionais de Jair Bolsonaro na Presidência ocorreram quando o cerco em torno de sua família se fechava pelas investigações sobre esquemas de rachadinhas. O azedume é compreensível, já que seu clã se revelou uma inesgotável fonte de escândalos. Em meio a casos rumorosos, como os cheques de Fabrício Queiroz à primeira-dama, Michelle, o presidente criou uma realidade paralela para a sua claque, único espaço em que ecoa o discurso de que é um político "incorruptível". A um mês das eleições, ficou mais difícil emplacar a retórica para fora da bolha com a revelação de que ele, os filhos, as ex-esposas, a mãe e os irmãos compraram nas últimas três décadas nada menos do que 107 imóveis, dos quais pelo menos 51 foram negociados com dinheiro vivo, total ou parcialmente.

A "imobiliária" deve render dores de cabeça ao presidente, inclusive na corrida eleitoral. Aliados de Lula defendem que o caso seja usado para se contrapor às acusações que o petista enfrenta pelo Petrolão e Mensalão (é bom lembrar que o próprio ex-presidente foi preso pela nebulosa transação imobiliária envolvendo um triplex no Guarujá). Por ora, o partido prefere centrar as inserções publicitárias na economia. Até agora, as suspeitas contra o mandatário foram lembradas somente por Ciro Gomes, que, no debate televisionado pela Band, declarou que o capitão "corrompeu as ex-esposas e os filhos".

Noticiado pelo portal UOL, o patrimônio dos Bolsonaro, construído entre 1990 e este ano, chama atenção, à primeira vista, porque

FOTOS: DIVULGAÇÃO TWITTER; REPRODUÇÃO/UOL

NÚMEROS CONTROVERSOS

107 Imóveis foram comprados pelo clã Bolsonaro desde os anos 1990

51 deles foram pagos total ou parcialmente com dinheiro vivo

25,5 milhões de reais foram os pagamentos em espécie, em montante já corrigido pela inflação

25 propriedades foram compradas em situação que provocou investigações do MP do RJ e do DF

MARIA DENISE BOLSONARO
O imóvel em Cajati (SP) da irmã do presidente e do seu marido, José Orestes Fonseca, custou R$ 2,67 milhões e ganhou clube de tiro

CLÃ
Bolsonaro com os irmãos e a mãe (de óculos): negócios imobiliários no Vale do Ribeira, em São Paulo

não condiz com a renda da família. Os imóveis comprados em "cash" foram registrados em cartórios por R$ 13,5 milhões, ou R$ 25,6 milhões em valores corrigidos pela inflação. Desse total, 19 apartamentos e salas comerciais pertencem aos três filhos políticos do presidente — Flávio, Carlos e Eduardo —, donos dos maiores gastos. As transações do trio custaram, ao todo, R$ 8,5 milhões — ou R$ 15,7 milhões, corrigidos pela inflação. Não é difícil constatar o contraste entre as aquisições e os salários mensais da prole do capitão. O 01, por exemplo, iniciou a carreira política na Assembleia Legislativa do Rio, onde permaneceu por 16 de seus 41 anos — a remuneração para o cargo, atualmente, é de R$ 25,3 mil. Desde 2019, ele exerce mandato de senador, recebendo todos os meses R$ 33,7 mil. Carlos é vereador desde os 18 anos e, hoje, na quinta legislatura, tem um contracheque de R$ 14,3 mil. Ao justificar à Justiça a compra de sua mansão em Brasília em março de 2021, avaliada em R$ 6 milhões, Flávio disse que a compra estava relacionada à sua renda como "advogado, empresário e empreendedor".

Apesar de fazer negócios imobiliários pagando em espécie, o presidente e seus filhos não têm o hábito de guardar dinheiro em casa, apontam as declarações de renda enviadas à Justiça Eleitoral. Desde 1998, só Carlos Bolsonaro informou ter guardado dinheiro em espécie (R$ 20 mil). Pelas suspeitas já levantadas, ao menos 25 imóveis da família já provocaram investigações do Ministério Público do Rio e do Distrito Federal. A PF acaba de pedir a abertura de investigação de Ana Cristina Valle, ex-mulher do presidente, pela compra de uma mansão avaliada em R$ 2,9 milhões em uma área nobre de Brasília, onde mora com o filho, Jair Renan, o "04". Ela alegava que havia alugado o imóvel por R$ 8 mil mensais, valor semelhante ao que recebia como assessora parlamentar. Mas já mudou a história. Para concorrer a deputada distrital este ano, declarou à Justiça ser proprietária do imóvel, que avaliou em R$ 829 mil - ainda que a mansão esteja em nome de um corretor. Para os investigadores, o uso de uma

FLÁVIO BOLSONARO
O senador foi investigado pela compra da mansão em Brasília que custou R$ 6 milhões. Ele disse que adquiriu o imóvel com a renda de advogado, empresário e empreendedor

terceira pessoa na transação demonstra "possível dissimulação da propriedade do bem imóvel adquirido", o que pode configurar lavagem de dinheiro.

Bolsonaro, no tom impulsivo de sempre, colocou-se no lugar de vítima ao ser questionado. "Desde quando eu assumi, 4 anos de pancada em cima do Flávio, do Carlos. Eduardo, menos. Tenho cinco irmãos no Vale do Ribeira. O que eu tenho a ver com o negócio deles?", argumentou. As aquisições, por si só, não são um crime, desde que o presidente aponte como ele e seu entorno conseguiram o dinheiro vivo para bancar as transações.

TRANSAÇÃO INCOMUM

O descompasso entre renda e gastos de seus filhos, por exemplo, soa como um sinal de alerta tanto na esfera cível quanto na penal. A Lei de Improbidade Administrativa, apesar de desmontada pelo Congresso com a anuência do Planalto, preservou o trecho do texto que pode enquadrar agentes públicos por enriquecimento ilícito. "Se alguém ganha R$ 50 mil por mês e, portanto, R$ 600 mil ao ano, e compra um imóvel que custa cinco vezes a renda dele, o Ministério Público não precisa comprovar a prática de um ato concreto de improbidade, pois há um indicativo de enriquecimento sem causa. Assim, fica invertido o ônus da prova. É o agente público quem precisa demonstrar a origem dessa riqueza", explica o presidente do Instituto Não Aceito Corrupção, o procurador de Justiça Roberto Livianu.

Mas a história vai bem além. A escolha por transações em dinheiro vivo para a compra de imóveis é incomum e, consequentemente, suspeita, pontua Livianu. Cidadãos preocupados com sua segurança não andam pelas ruas com milhares de cédulas numa mala. Quando alguém pode pagar uma casa ou um apartamento à vista, o faz normalmente por meio de transações bancárias, que, aliás, são automaticamente notificadas à Unidade de Inteligência Financeira, o antigo Coaf. Além disso, o setor imobiliário, frisa o procurador, em geral costuma optar por movimentações financeiras eletrônicas. A soma desses fatores leva autoridades a ligarem compras vultosas em espécie a lavagem de dinheiro.

É na origem do dinheiro que está o principal problema do clã Bolsonaro,

CARLOS BOLSONARO
Prédio na Tijuca, no Rio de Janeiro, onde o vereador tem um de seus apartamentos

FOTOS: RANIER BRAGON/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO

ANA CRISTINA VALLE
A ex-mulher de Bolsonaro vive com o filho Jair Renan em uma mansão de R$ 2,9 milhões, que dizia alugar. Agora, diz que é a dona. A PF vai investigar

JAIR BOLSONARO
Imóvel em Brasília em que o presidente tem um apartamento em seu nome

já que o histórico joga contra. Flávio, o 01, foi denunciado pelo Ministério Público do Rio após investigações apontarem que ele exigia e embolsava parte dos salários de funcionários de seu antigo gabinete na Assembleia Legislativa do Rio, Alerj. De acordo com a apuração, era Fabrício Queiroz quem passava o chapéu. O material levantado pelos promotores acabou descartado por decisões do STJ e do STF, que anularam relatórios de inteligência, quebras de sigilo e provas obtidas a partir de busca e apreensão. O processo voltou à estaca zero.

Houve muita pressão para o caso não avançar. Do Planalto, Bolsonaro usou a máquina pública para blindar o filho. Enquanto as investigações ainda perduravam, a Receita destacou cinco servidores, por quatro meses, para apurar a suspeita de que os dados de Flávio teriam sido acessados e passados de forma ilegal ao Coaf – as informações culminaram na acusação contra o senador pelo desvio de R$ 6,1 milhões por meio de rachadinha. Mas o Fisco impôs um sigilo de 100 anos a essa investigação interna, em linha com as várias iniciativas do presidente para colocar um manto de segredo sobre as atividades da família. As investigações que correm contra Carlos são tão delicadas quanto as que envolveram Flávio e Queiroz. O "02" é alvo do MP pela suposta contratação de funcionários fantasmas e pelo desvio do dinheiro que, em tese, seria repassado a eles. Segundo as apurações, o esquema era orquestrado por Ana Cristina Valle.

Para a deputada Sâmia Bomfim, líder do PSOL na Câmara, os enroscos judiciais de Flávio e Carlos reforçam a suspeita sobre o uso dos imóveis para a lavagem de dinheiro. "É importante que a população saiba quem é o presidente e sua família", afirma. Líder da oposição no Senado e integrante da campanha de Lula, Randolfe Rodrigues entrou com uma ação no STF para que o caso seja apurado. "O salário de um parlamentar não justifica esse patrimônio milionário", argumenta o senador. O ministro André Mendonça, indicado por Bolsonaro, foi sorteado para relatar. Como de praxe, a notícia-crime terá de ser enviada à PGR, que decide se propõe um inquérito ou não. O histórico de impunidade traz dúvidas sobre a apuração efetiva desse escândalo. ■

"Se a gente continuasse no politicamente correto, daqui a pouco estaríamos todos nos porões de uma ditadura falando bonito"
André Janones

"Sério que tinha quem achava esse merda desse @CarlosBolsonaro um gênio das redes? Esse cara é um bosta gente!"
André Janones

ESTRATÉGIA
O parlamentar e influenciador André Janones desistiu de concorrer à Presidência a pedido de Lula: parceria nas redes

CAMPANHA SUJA NAS REDES

Com disseminação de fake news a todo vapor e a criação de sites apócrifos com ataques a candidatos, campanha digital à Presidência deve ser mais agressiva do que a de 2018

Ana Viriato

As apostas no mundo político são de que a campanha digital pelo Planalto em 2022 será mais agressiva do que a anterior. Há razões: enquanto Jair Bolsonaro inaugurou uma potente máquina de fake news nas redes sociais em 2018, o PT, de Lula, domina há mais de uma década táticas de difamação, empregadas primeiro por meio de blogs chapas-brancas e, depois, numa campanha eleitoral visando Marina Silva. A legenda não teria problemas em replicá-las no formato online. Eram remotas, portanto, as chances de um embate limpo entre as duas principais lideranças. Dito e feito. Os 15 primeiros dias de campanha destacaram-se pelas trocas de ataques, xingamentos e informações falsas e pelo vazio de propostas. Já foram ajuizadas 124 ações no TSE por propaganda irregular nas redes.

A esquerda, que saiu combalida do bombardeio digital de 2018, mostra que gosta do jogo. Ainda que, aconselhado por nomes próximos, Lula busque externar o estilo "paz e amor", a militância não parece ter a mesma disposição. Escalado para ampliar o engajamento do petista nas redes, André Janones, por exemplo, segue o caminho oposto. O deputado mineiro diz que é preciso fazer a direita "provar de seu próprio veneno" e abusa de provocações aos filhos de Bolsonaro nas redes, além de incitar discussões com aliados do presidente presencialmente, como no dia em que bateu boca com Ricardo Salles.

GABINETE Carlos Bolsonaro venceu o embate com o QG de campanha do pai, mais moderado, e administra os ataques nas redes

Tão grandes são os embates que Carlos Bolsonaro buscou o Supremo depois de ser chamado pelo parlamentar de "miliciano", "vagabundo" e "bosta". A postura incendiária divide o PT. A ala mais combativa lembra que, em campanha, há "gente para todo gosto" e pontua que Janones dá uma resposta à altura do bolsonarismo, além de tirar Lula do alvo dos ataques. Para o núcleo mais duro, soa contraditório condenar o discurso de ódio de Bolsonaro e aplaudir a beligerância do parlamentar.

Do lado de Bolsonaro, a agressiva campanha nas redes é arquitetada por Carluxo e Sérgio Lima, amigo de Eduardo e ex-estrategista do Aliança Brasil, partido que o clã tentou criar. Nas plataformas do capitão, prevalece a reciclada estratégia de 2018, com a aposta nos embates com o PT, a vinculação do partido a ditaduras e a lembrança dos escândalos de corrupção que envolveram Lula — o mote é distinto do usado na propaganda eleitoral, onde o foco recai sobre a economia e feitos do governo, a exemplo do Pix e do Auxílio Brasil.

Apesar do alvo principal dos Bolsonaro ser Lula, sobram ataques para todos os lados. Depois do debate televisionado pela Band, no qual Soraya Thronicke criticou a misoginia do presidente, os filhos do capitão comandaram um massacre digital contra a presidenciável do União Brasil, lembrando que ela venceu nas urnas graças ao trabalho de Bolsonaro como cabo eleitoral. A senadora reagiu. "Fui sim, eleita com Bolsonaro, acreditando nas bandeiras do combate à corrupção. Logo após, me decepcionei por completo, começando por você, que me ligou aos berros exigindo a retirada da minha assinatura na CPI da Lava Toga", escreveu, em uma publicação direcionada a Flávio Bolsonaro.

SITES NA MIRA

A equipe de Simone Tebet foi outra a identificar o aumento da "animosidade" nas redes, com ataques à emebebista por representantes de diferentes espectros políticos. "A esquerda constrói uma narrativa a partir da ideologia, disparando, por exemplo, a notícia falsa de que ela tem terras em áreas indígenas, além de acusá-la de ter feito campanha para Bolsonaro. Já a direita encampa a tese de que ela deu fôlego à misoginia do Senado na sessão em que Nise Yamaguchi foi inquerida", conta um estrategista, sob reserva.

Mas a ofensiva não se restringe aos candidatos e ao núcleo próximo de cada um. Impulsionados pela polarização, entusiastas das campanhas se engajaram na destruição de reputações. Nesse mês, endereços na internet ligados a Bolsonaro e a Ciro Gomes foram usados para atacá-los. O site em que o presidente divulgava ações do governo (bolsonaro.com.br), por exemplo, estampa em sua página inicial uma imagem dele vestido em uma farda com o símbolo nazista e o bigode ao estilo Adolf Hitler. Procurado, o Planalto não esclareceu se Bolsonaro deixou de pagar pelo domínio ou se ocorreu um ataque hacker. Houve, no entanto, reações. O ministro da Justiça e Segurança Pública, Anderson Torres, determinou que a PF investigue o caso, e a equipe jurídica da campanha de Bolsonaro defendeu que o TSE derrube o site.

O advogado Paulo Moreira explica que plataformas apócrifas não são ilegais quando nutrem somente críticas a algum candidato, mas frisa que a liberdade de expressão termina quando é iniciada a divulgação de conteúdo inverídico ou ofensivo à honra, como no caso do site que mira Bolsonaro. "A tendência é que piore", pontua. "O debate político deveria ser mais consistente, mas, como o presidente venceu em 2018 com o tiroteio nas redes, outros agora querem usar a mesma estratégia", completa. A campanha de 2022 comprova que o mal leva ao mal. Perde o eleitor. ■

APÓCRIFO Site que apoiava o governo Bolsonaro passou a atacar o presidente

FOTOS: NELSON ALMEIDA / AFP; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO

COBERTOR CURTO
Guedes só deixou recursos no Orçamento para pagar R$ 405 de Auxílio Brasil: dor de cabeça para o novo presidente

Como manda a errônea tradição, há meses os candidatos ao Palácio do Planalto, principalmente Lula e Jair Bolsonaro, ignoram os números das fragilizadas contas públicas e listam, sem apontar fontes de recursos, custosas promessas para o primeiro ano do mandato. Os presidenciáveis alardearam a preservação do Auxílio Brasil a R$ 600, quando só há dinheiro para pagar R$ 405, e o reajuste do salário mínimo acima da inflação. Mas, amarrado por despesas obrigatórias, o Orçamento de 2023, recém-enviado ao Congresso, deu, pela primeira vez, a dimensão do contraste entre discurso e a realidade. A peça mostra que falta dinheiro — e muito — e sinaliza que boa parte das juras eleitorais pode não sair do papel.

O Auxílio Brasil é uma das principais preocupações, uma vez que o valor de R$ 600, em princípio, vigora somente até 31 de dezembro. É que o Orçamento reserva R$ 105,7 bilhões para o programa, recurso suficiente somente para parcelas mensais de R$ 405, valor que representa apenas cinco reais a mais do que o piso original. Para elevar o benefício em mais R$ 200, como prometeram todos os candidatos, o governo precisa de R$ 52 bilhões adicionais. Pressionado por ter a máquina pública na mão e usar o auxílio como sua principal vitrine eleitoral, o presidente cobrou Paulo Guedes pela inclusão do "extra" nas contas, mas o ministro resistiu sob a justificativa de que a medida feriria a Lei de Responsabilidade Fiscal.

Diante do impasse, a equipe econômica decidiu encaminhar a proposta com o valor defasado e buscar uma forma de financiamento até dezembro. Nas campanhas, é consenso que deverá ocorrer um novo drible ao teto de gastos. Relator-geral da

FOTO: MIGUEL SCHINCARIOL/AFP

Orçamento fictício

Proposta enviada pelo governo ao Congresso mostra que não há dinheiro para garantir Auxílio Brasil de R$ 600, reajuste do funcionalismo e salário mínimo com aumento real, prometidos por Bolsonaro e Lula. Presidente eleito terá de deixar de lado a demagogia

Ana Viriato

proposta, o senador Marcelo Castro, aliado de Lula, usou o episódio para alfinetar o presidente. "Quem não é governo promete; quem é governo não precisa só prometer, mas propor", cutucou. Apesar da ironia, a dor de cabeça é ainda maior para aqueles candidatos que querem ir além, como o petista, que prometeu às famílias um acréscimo de R$ 150 ao piso de R$ 600 por cada filho de até seis anos.

A falta de espaço no colchão orçamentário para o Auxílio Brasil decorre das escolhas de Bolsonaro. Ao alinhar as prioridades da gestão, ele optou por reservar R$ 80,2 bilhões para incentivos tributários e iniciativas similares, incluindo a continuidade da política de desoneração sobre combustíveis, que custará R$ 52,9 bilhões. De um lado, a oposição lembra que a redução do preço da gasolina e do diesel, resultado não somente da medida, mas também da queda do valor do petróleo no mercado internacional, foi o que garantiu fôlego ao presidente nas pesquisas. Do outro, o governo se justifica com o ciclo da economia: se o combustível aumenta, o transporte fica mais caro e, consequentemente, os produtos nas prateleiras também.

Fato é que o valor seria suficiente, ainda, para viabilizar a correção da tabela do Imposto de Renda cobrado a pessoas físicas, congelada desde 2015. Trata-se de uma antiga promessa de Bolsonaro. O programa de governo do capitão fala em isentar do pagamento quem ganha até cinco salários mínimos, ou seja, pouco mais de R$ 6 mil. Lula tem uma proposta semelhante, que estabelece que sejam poupados aqueles que recebem até R$ 5 mil. Nos cálculos de auditores da Receita, as promessas custariam, respectivamente, R$ 32,6 bilhões e R$ 21,5 bilhões.

REAJUSTE EM XEQUE

Já o reajuste do funcionalismo está na corda bamba. O governo reservou R$ 11,6 bilhões para aumentar os salários de servidores do Executivo, mas deixou pendências. Um dos pontos principais é que R$ 3,5 bilhões deste total estão atrelados ao orçamento secreto. Ou seja, não existe uma garantia de que o dinheiro será destinado para esse fim. Além disso, não ficou estabelecido o percentual do benefício, tampouco as carreiras que serão agraciadas. Pelos cálculos do Legislativo, a quantia é suficiente para engordar os contracheques dos servidores em menos de 5%.

O xis da questão é que costuma haver uma cobrança por paridade entre os Três Poderes e o Supremo já garantiu um reajuste de 18% aos membros do Judiciário, dividido em dois anos. "Faremos um estudo para que o servidor do Executivo, que normalmente é o que ganha menos, possa ter um aumento próximo ao dos demais", garantiu Castro. No PT, o plano é implementar uma "recomposição gradual" dos salários atrelada ao crescimento da economia a partir de 2023.

As inconsistências e pendências levam especialistas a atestarem que o orçamento não comporta as promessas dos presidenciáveis. "O orçamento é um rio. Mas esse rio está assoreado. Então, em vez de passar um grande volume de água, há somente um filete. A maior parte do dinheiro dos nossos cofres está comprometida com despesas obrigatórias e dívidas. Para mudar isso, são necessárias reformas", comenta o professor da Universidade de Brasília. É, de fato, um orçamento fictício. ■

RECUPERAÇÃO Crianças e adolescentes colocados em unidades socioeducativas têm agora mais acesso à escolarização

Menos internos, mais dignidade

A internação de jovens infratores caiu 66% em cinco anos. A redução facilita a execução das medidas para a reinserçao social e melhora a qualidade do atendimento

Gabriela Rölke

O cenário de superlotação que num passado recente servia de estopim para sangrentas rebeliões em unidades de internação de jovens infratores já não existe mais. Levantamento do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) mostra que o número de jovens reclusos em todo o Brasil nessas unidades caiu 66% nos últimos cinco anos. Atualmente, são 10.249. Eram 23.284 em 2017. É o fim, portanto, dos outrora "depósitos de gente" violentos e tomados pela sarna dos tempos da extinta Febem que, em vez de garantir a ressocialização dos infratores, funcionavam como escola de crimes. O Estado, agora, pode oferecer melhores condições para que esses jovens tenham mais chance de recuperação.

A taxa de ocupação dessas unidades socioeducativas, que era de 118,66% em 2017, hoje é de 59,97%. Os dados estão no documento "Panorama Socioeducativo — Internação e semiliberdade", atualizado anualmente pelo CNMP. "O atendimento aos internos melhorou bastante nos últimos anos, principalmente no acesso à escolarização", atesta o advogado Ariel de Castro Alves, especialista em Direitos Humanos e membro do Instituto Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. "Claro que, sem a superlotação, o atendimento pode melhorar e gerar uma atenção mais individualizada aos internos, com mais oportunidades e mais qualidade também nas atividades culturais, esportivas e de lazer", diz.

Os números falam por si, mas ainda não é possível cravar as razões da redução no número de internos. Professora do Departamento de Sociologia da USP e pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência (NEV), a cientista política Bruna Gisi coordena uma pesquisa financiada pelo CNPQ que tem como objetivo con-

ROTINAS Alimentação razoável, roupas de cama limpas e mesa de estudo nas celas

tribuir com a compreensão desse cenário de redução no número de internos. "Existem muitas hipóteses que circulam entre os atores do sistema, mas não temos dados que nos permitam ter mais clareza sobre o que vem ocorrendo", diz. "O objetivo da pesquisa é justamente reunir essas informações".

Castro Alves chama atenção para um ponto em especial: a adesão dos tribunais do País, por meio das varas da infância e juventude, a um entendimento do Superior Tribunal de Justiça (STJ) segundo o qual em casos de ato infracional análogo ao tráfico de drogas não é obrigatório impor a internação como medida socioeducativa para o jovem infrator. "Passaram a internar por tráfico apenas os adolescentes reincidentes, pegos armados, com maiores quantidades de droga ou envolvidos com quadrilhas ou organizações criminosas", explica. Continua sendo aplicada a internação para os processados por roubos consumados, sequestros, homicídios e latrocínios. O advogado destaca que apreensões e internações de adolescentes diminuíram durante a pandemia, razão pela qual acredita que o número possa subir, com a volta do policiamento ao normal após o fim do distanciamento social. "Temos também o aumento da miséria, da fome, do desemprego e da evasão escolar, que influenciam no aumento da criminalidade juvenil", pontua.

FIM DAS REBELIÕES

O secretário de Justiça e Cidadania do estado de São Paulo, Fernando José da Costa, comemora a qualidade do atendimento prestado atualmente pela Fundação Casa, autarquia presidida por ele. "Temos trabalhado com um número menor de jovens e podemos oferecer um atendimento personalizado, o que melhora muito a execução das medidas socioeducativas", diz. "Acabaram as rebeliões". O governo paulista também optou por centros menores de internação — unidades da antiga Febem, antecessora da Fundação Casa extinta no início dos anos 2000, abrigavam até mil detentos. "Fizemos investimentos na capacitação dos servidores, reformamos as unidades, instalamos circuito fechado de câmeras com central de monitoramento, entre outras melhorias", diz. "Os internados são matriculados regulamente na rede pública de ensino, frequentam as aulas nas unidades da Fundação Casa e também têm acesso a cursos profissionalizantes; além de atendimento médico, odontológico e psicológico." Como o número de internos caiu, foram fechadas até agora 30 das 146 unidades socioeducativas no estado — o que preocupa o advogado Castro Alves: "Alguns adolescentes foram transferidos para locais distantes, o que dificulta o contato com familiares", diz. "O apoio da família é fundamental para a efetividade do processo socioeducativo."

Na terça, 30, a reportagem de ISTOÉ visitou duas unidades da Fundação Casa em Santo André, no ABC. As condições do local são dignas: as celas para quatro internos, são amplos e contam com roupa de cama limpa, banheiro e mesa com banco para estudo ou recreação. Há salas de aula, biblioteca, sala de informática, acesso a tablets e à internet — com uso controlado, claro. Mas o frio quase doía. Lá dentro tudo é cimento — as camas, as mesas. No início daquela manhã, os termômetros marcavam 12º C, mas a sensação térmica era de temperaturas ainda mais baixas, o que persistia mesmo com o surgimento do sol. O jovem L, 19 anos, apreendido e internado por homicídio, terminou o ensino médio dentro da unidade e agora faz cursos profissionalizantes e estuda para tentar uma vaga no ensino superior. "Só consegui continuar os estudos porque estou aqui. É caindo que se aprende, e quero me reerguer", diz. O jovem C., 18 anos, internado por roubo à mão armada, também diz que não estaria estudando. "Lá fora eu não teria essa oportunidade, não teria corrido atrás. Aqui pude ter a certeza de que não quero viver no crime", afirma. "Voltei a ter esperança". ■

QUALIDADE O secretário Costa fala em "atendimento personalizado"

FOTOS: GABRIEL REIS

Missão cumprida?

Francisco fez uma reforma estrutural na Igreja Católica, pôs ordem nas finanças, puniu abusadores sexuais, enalteceu a obra evangelizadora dos cardeais e organizou um pré-conclave. Ele exalta o princípio jesuítico da "humildade da renúncia". Embora negue que abrirá mão do pontificado, essa tese ganha força na Santa Sé

Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

A Igreja Católica sangrava a tal ponto com a perda de fieis, com as estranhas transações financeiras em Roma e os escândalos envolvendo abusos sexuais, que era urgente a instauração de princípios disciplinadores no Vaticano. Desde o século XVI, com a criação da Companhia de Jesus, arrumar a casa tem nome: Ordem dos Jesuítas. Foi formando-se nela que chegou à Santa Sé como pontífice Jorge Mario Bergoglio, o papa Francisco. Todos os problemas ele resolveu com a discrição sob medida que em nada enfraquece a autoridade. E, assim, promoveu uma radical internacionalização do catolicismo, aproximando-o de líderes religiosos esquecidos. Sem a ideologia política e até partidária da Teologia da Libertação, Francisco também optou pela entrega da Igreja aos pobres, mas somente por meio da fé e religiosidade.

Essa doação da Igreja aos humildes talvez seja a sua última grande missão. No final da semana passada, em Consistório Ordinário Público, Francisco empossou vinte e dois novos cardeais, entre eles dois brasileiros: dom Paulo Cezar Costa, arcebispo de Brasília, e dom Leonardo Ulrich Steiner, arcebispo de Manaus – é o primeiro da Amazônia (leia Box). Ele deu posse, ainda, a religiosos até então pouco valorizados: dom Peter Okpalike, da Nigéria; dom Jean-Marie Aveline, da região fran-

FRANCISCO O papa e seu estilo: discreto nas ações, mas enérgico no comando

MUDANÇA DE PARADIGMA A posse dos novos cardeais: valorização da atuação pastoral e não do tradicionalismo

cesa de Marselha; dom Fernando Vérgez, espanhol que preside o Governatorato do Vaticano; e dom Giorgio Marengo, da Mongólia. Ficou claro, assim, que o jesuíta Francisco preferiu os representantes da Igreja Católica que mantêm trabalho pastoral. No Brasil, ao longo da semana, a CNBB assumiu o compromisso de seguir por esse caminho instituindo a Formação de Catequistas.

Todos os novos cardeais possuem o direito de integrar o colégio cardinalício, composto por cento e trinta e dois membros que participam dos conclaves para escolha de papas. Francisco fez do cardinalato não mais um passo burocrático advindo do tempo de vida eclesiástica, mas, sim, uma forma de incentivo à atuação pastoral. Houve mesmo uma mudança de paradigma. “Ele colocou fim à imagem de que só os centros economicamente importantes podem ser sedes cardinalícias”, diz o padre, também jesuíta, Adelson Araújo dos Santos, professor em Roma da Pontifícia Universidade Gregoriana.

Terminado o Consistório, Francisco viajou para a pequena cidade italiana de L’Aquila, na qual visitou o túmulo de Celestino V, primeiro pontífice a renunciar, em 1294. Esse ato já seria suficiente para despertar especulações em tons quase inaudíveis nos corredores do Vaticano. Aí veio a sua declaração dando ênfase ao critério segundo o qual, para um jesuíta, a saída de cena após o cumprimento da missão é questão de humildade. Mais: ele reuniu-se com trezentos cardeais de diversos países, a portas fechadas, como se fosse um pré-conclave de preparação para o conclave decisivo. Francisco é bem capaz de querer se despedir com festa, e por isso participou do primeiro Vitae Summit, evento de cúpula do Vaticano para incentivar a cultura: entre outros, reuniu o tenor italiano Andrea Bocelli, o ator norte-americano Denzel Washington e a instrumentista canadense Alessia Cara. Se em breve se consumar o adeus, hipótese que ele ainda nega estar em seus planos, será apenas mais um modesto e alegre gesto do trabalhador jesuíta. “Ele fez uma mudança estrutural na Igreja Católica e pode ser que considere a sua missão concluída”, diz o teólogo Gerson Leite de Moraes. ■

O CARDEAL DA AMAZÔNIA

Pela primeira vez no Brasil a Amazônia tem um cardeal. Trata-se do arcebispo de Manaus, dom Leonardo Ulrich Steiner, elevado ao cardinalato no Consistório Ordinário Público, realizado no Vaticano, no final da semana passada – juntamente com ele também se tornou cardeal, igualmente pelas mãos do papa Francisco, dom Paulo Cezar Costa, arcebispo de Brasília. Ambos comporão o Colégio de Cardeais (132 integrantes), que, entre outras responsabilidades, possui a de eleger pontífices. A nomeação de Steiner é um recado explícito de Francisco ao governo brasileiro: o Vaticano está alerta e desaprova a política governamental do País, que promove o desmatamento da floresta, descuida das etnias indígenas e incentiva atividades ilícitas de madeireiras e do garimpo.

Leonardo Steiner tem 71 anos de idade, nasceu na cidade catarinense de Forquilha e é profundo conhecedor dos problemas e carências da região da Amazônia desde 2005. Foi nesse ano que o então papa João Paulo II o nomeou bispo para a prelazia de São Félix, no Mato Grosso. Em 2019 Francisco o fez arcebispo da Arquidiocese de Manaus. Steiner organizou, então, o Sínodo da Amazônia. Estava dado o sinal de que o Vaticano, com o jesuíta Francisco à frente, lutaria a seu modo (silencioso e ritualístico, mas eficiente) pela preservação da mata e na defesa das populações indígenas.

TRABALHO ÁRDUO Dom Steiner: proteção aos indígenas e à floresta

FOTOS: LORENZO DI COLA/NURPHOTO/AFP; ALESSANDRA BENEDETTI/CORBIS/GETTY IMAGES; ANDREW MEDICHINI/AP PHOTO

AS MUITAS FACES DO ROCK IN RIO

O maior evento de música do Brasil terá um número recorde de representantes da diversidade: artistas negros, indígenas e LGBTQIA+ apresentarão propostas musicais inovadoras, além de letras marcadas pelo ativismo, denúncia e criatividade

Taísa Szabatura

Formado por quatro jovens indígenas das aldeias Jaguapiru e Bororó, em Mato Grosso do Sul, o grupo de rap Brô Mc's se prepara para o maior desafio de sua carreira: fazer um show no Rock in Rio 2022, um dos maiores festivais de música do planeta. No evento, que acontece entre os dias 2 e 11 de setembro, no Rio de Janeiro, Ch, Bruno Vn, Tio Creb e Kelvin Mbaretê, que usam pseudônimos por medo de represálias, fazem parte da primeira atração indígena a participar do evento desde que ele foi criado, em 1985. Será o maior Rock in Rio de todos os tempos – e o recordista em termos de diversidade. Ao todo, serão 250 shows, 670 artistas e mais de 500 horas de entretenimento.

Além dos aguardados shows internacionais, como Iron Maiden, Justin Bieber, Dua Lipa e Guns 'N' Roses, há bastante expectativa para os artistas que fogem do padrão. Entre elas estão as drags Gloria Groove e Lia Clark, as cantoras transexuais Majur, Liniker e Azula, e a DJ paranaense Valentina Luz, para citar apenas alguns exemplos da comunidade LGBTQIA+. Até o heavy metal, gênero dominado por bandas

RAP Brô MC's: grupo surgiu nas aldeias Jaguapiru e Bororó, em Mato Grosso do Sul

FOTOS: JOÃO ALBUQUERQUE/DZAWI FILMES/ISA; REPRODUÇÃO; DIVULGAÇÃO

FUNK Lia Clark: representante trans quer colocar o público para dançar

com integrantes brancos, terá como um dos destaques os mineiros da banda Black Pantera, formada apenas por músicos negros.

Para Kelvin Mbaretê, do Brô MC's, o rap é uma posição política, independente de ser feito por indígenas: "O estilo vêm das periferias, é do povo negro que fala de suas vivências nas comunidades. Não há muita diferença em relação ao que acontece com o nosso povo. É uma oportunidade de escrevermos algo sobre a nossa realidade". O Brô Mc's, que canta em sua língua nativa, o Guarani, usa a música para denunciar os problemas na região onde vivem, em meio à pressão exercida pelo agronegócio. Tio Creb, outro integrante do grupo, explica que cantar no Rock in Rio vai representar as diversas etnias e comunidades dos povos originários. "Não vamos estar sozinhos em cima do palco. O espírito do povo indígena estará lá com o Brô Mc's, estamos levando a realidade da nossa cultura", afirma.

MOVIMENTO

Chaene da Gama, baixista do Black Pantera, não se intimida com a presença de tantos grupos de rock formados apenas por brancos. "O rock começou com o movimento negro, bem antes de Elvis e Beatles. E ainda existe um 'antes e depois' na história da guitarra graças a Jimi Hendrix", diz. A banda, que possui letras fortes contra o racismo, pretende sentir o clima do público para decidir se a apresentação terá algum teor político relacionado às eleições. "Nossa música deixa muito clara a nossa posição. Estar no palco é mostrar para meninas e meninos pretos que eles podem cantar rock", explica Gama.

O festival desse ano terá ainda o "Espaço Favela", palco dedicado aos artistas que emergiram de comunidades. Entre eles estão nomes como Lexa, PK, Lia Clark, Buchecha, Ferrugem, Orochi e Marvvila, que, aliás, é quase uma exceção dentro do pagode, estilo musical com forte presença masculina. Aos 16 anos, Marvvila participou do programa The Voice e tornou-se profissional da música. Hoje, aos 23, possui uma voz potente e encanta o público com suas composições e batidas sofisticadas. A artista sempre afirmou que sentia preconceito por ser mulher e pagodeira, mas agora um de seus objetivos é incentivar mais mulheres a cantar, no estilo que quiserem.

As cantoras nacionais têm público garantido: Iza, Ludmilla, Maria Rita, Ivete Sangalo e Luisa Sonza vêm, ao longo dos meses, dando pistas sobre as pautas feministas que devem abordar em suas apresentações. Em um ano eleitoral tão polarizado – e com o público jovem cada vez mais politizado e consciente de seus direitos –, será difícil evitar que a plateia ou algum artista se manifeste a favor ou contra algum candidato à Presidência. Assim como muitos festivais ao longo da história, o Rock in Rio é muito mais que apenas um evento musical. ■

METAL Black Pantera: maior sucesso do trio mineiro é o rock *Fogo nos Racistas*, rock pesado de protesto que se tornou grito de guerra nos shows da banda

PAGODE Marvvila: voz feminina em um estilo majoritariamente de homens

EM FUGA
Rio Danúbio: embarcações que ainda poderiam ser usadas pelos soviéticos eram afundadas pelos alemães

NAZISTAS SURGEM NAS PROFUNDEZAS

Calor extremo na Europa trouxe à tona memórias emblemáticas: navios de Hitler e resquícios de culturas pagãs de cinco mil anos aparecem nos rios e lagos secos

Denise Mirás

O degelo global eleva o nível dos oceanos, atinge espécies marinhas e ameaça o planeta. O aumento da temperatura, no entanto, também leva a efeitos curiosos: com as ondas de calor na Europa, lagos e rios secam e acabam beneficiando historiadores e arqueólogos, que podem ter acesso a tesouros localizados em áreas submersas há milênios. A baixa das águas permitiu descobertas valiosíssimas, entre elas navios nazistas afundados por ordem dos comandados de Adolf Hitler, um tesouro celta de cinco mil anos e um círculo de pedras megalítico conhecido como Dolmen de Guadalperal. Descoberto em 1926, o local teve sua área inundada em 1963 por ordem de outro ditador, o espanhol Francisco Franco.

Antônio Carlos Jucá, diretor do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), destaca que os achados são de épocas bastante distintas. Há, por exemplo, dois navios que foram afundados ao fim da Segunda Guerra, parte de frota nazista desaparecida em 1944 e revelados recentemente em um trecho do rio Danúbio próximo da cidade de Prahovo, na Sérvia. Na Itália, a descoberta de uma

> **“Ainda que já se conheçam as informações técnicas, as descobertas são importantes no contexto histórico”**
> **Antônio Carlos Jucá**, direor do Instituto de História da UFRJ

FOTOS: FEDJA GRULOVIC/REUTERS/FOTOARENA; ADRI SALIDO/ANADOLU AGENCY/AFP; CRISTIANO MINICHIELLO/AGF/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES; VIT CERNY/ANADOLU AGENCY/AFP

RUÍNAS Vila de Aceredo, na Galícia: área foi inundada para a construção de uma represa em 1992, na fronteira de Portugal

PONTE SOB PONTE Vittorio Emanuele II, em Roma: água escondia outra construção, dos anos 50, suposta obra do Imperador Nero

SUBMERSAS
"Pedras da Fome": inscrições que marcaram o desespero da população foram reveladas

bomba não detonada levou à evacuação de três mil pessoas da cidade de Mantua, próxima do rio Pó, onde também emergiu uma barcaça alemã afundada em 1943.

"Os navios nazistas são da era contemporânea. Ainda que já se conheçam as informações técnicas, as descobertas são importantes no contexto histórico", afirma o professor, lembrando que essa é uma estratégia bélica: combatentes costumam se desfazer de material que possa ser útil se cair na mão dos inimigos – no caso, a marinha soviética. "Temos exemplo disso agora, na guerra da Ucrânia. A Rússia afundou o cruzador 'Moskva', o navio mais importante de sua frota no Mar Negro, para evitar que caísse nas mãos dos ucranianos."

Além dos fantasmas nazistas, outras relíquias afloram com a seca na Europa. A Vila de Aceredo, na Galícia, por exemplo, se fez visível depois de inundada em 1992 para a construção de uma represa. No sudoeste da Inglaterra, a cidade de Derwent desapareceu depois de a região ter sido submersa em 1940 para a criação da represa de Ladybower. Ficou apenas a torre da igreja à vista, depois demolida. Agora todas as ruínas foram desnudadas pela seca. No sul do mesmo país também se revelaram outros vestígios bem mais antigos, do século 17, como foi o caso do Lydiard Park.

Mais macabras e até mais importantes para estudos antropológicos são as "pedras da fome", com marcas que mostram o baixo nível da água em tempos de escassez em determinados períodos da história européia. A maioria ficou visível no trecho do rio Elba entre a República Tcheca e a Alemanha de hoje. A mais antiga remonta ao século 15; em uma delas, de 1616, a inscrição na pedra diz: "Se me vir, chore". No rio Tibre, havia apenas partes de uma ponte, mas afluiu o esqueleto da obra dos anos 50 atribuida ao Imperador Nero, aquele que botou fogo em Roma.

HISTÓRIA ANIQUILADA

Realizada em 1926, uma das mais emblemáticas descobertas da arqueologia havia sido inundada, para desaparecer de vez por ordem do ditador Franco, da Espanha. Ela reapareceu agora: é o Dolmen de Guadaloperal, ou "Stonehenge Espanhol", com as pedras do círculo megalítico de cinco mil anos à vista na represa Valdecanas, província de Cáceres.

O professor Jucá destaca a importância da marca deixada pelos celtas, povo que colonizou a região e foi antecessor dos romanos. Ultraconservador, Franco ordenou a inundação com base na fé católica, que não admitia os rastros da cultura pagã. "Locais históricos são aniquilados em nome da modernização. Foi o que aconteceu no Rio de Janeiro, com o Morro do Castelo, que marcava o centro da cidade e foi destruído porque era considerado 'feio'. Essa é a concepção de progresso de ditadores. São atitudes típicas de autocratas que passam por cima de qualquer contexto, apagando patrimônios históricos importantes." A verdade, porém, emerge. ■

Números para reduzir mortes

Estudo publicado pela revista científica *The Lancet* conclui que a metade dos óbitos por câncer poderia ter sido evitada **Fernando Lavieri**

Um abrangente trabalho divulgado pela conceituada revista científica norte-americana *The Lancet*, entitulado Carga Global de Doenças, Lesões e Fatores de Risco (GBD), mostrou pela primeira vez que, em todo o mundo, doenças como o câncer podem ser adiadas. Mais: o estudo aponta que praticamente a metade das mortes (44,4%) causadas por tumores poderia não ter ocorrido. Como? Por meio de mudanças na vida das sociedades. A pesquisa atingiu duzentos e quatro países entre os anos de 2010 e 2019 e examinou vinte e três tipos de tumores e trinta e quatro fatores de risco. O trabalho afirma categoricamente que tal quantidade de óbitos ocorre por razões evitáveis e, por conseguinte, modificáveis. Alterar de maneira radical o jeito que a coletividade vive parece ser algo complexo, mas os pontos detalhadamente estudados são exatamente os mesmos a serem modificados.

"A medicina é reativa. Falta mais prevenção"
Raphael Brandão, médico oncologista

A conclusão do estudo indicou que causas comportamentais, ambientais e metabólicas estão relacionadas diretamente com as neoplasias. Raphael Brandão, chefe da oncologia do Hospital Moriah e fundador da Clínica First, em São Paulo, entende que apesar de o trabalho tratar de aspectos que já fazem parte do rol de cobranças médicas em qualquer consultório, a novidade estatística é muito significativa. "O relatório serve como parâmetro para mudanças na sociedade" diz. Primeiro, as pessoas devem parar ou, pelo menos, reduzir o consumo de tabaco e álcool; valer-se de proteção quando da prática do sexo para que não haja contaminação por infecções sexualmente transmissíveis (DSTs). Depois, com o mesmo rigor analítico, a *The Lancet* traz um vilão bastante conhecido das grandes cidades, a poluição do ar. Ou seja, trata-se de mais um estudo de excelência científica que reitera a necessidade de se limitar o volume de emissões de poluentes.

Da mesma forma, o estudo defende o cuidado com a exposição a elementos tóxicos como, por exemplo, o amianto e defensivos agrícolas. Nesses casos os esforços são relativos aos sistemas políticos e organizacionais de cada nação. O que faz pensar que o envolvimento da população é essencial à manutenção da saúde. Por último, mas com a mesma importância e seriedade, a análise se deu sobre aspectos metabólicos. Em outras palavras, a dieta das pessoas, a elevação do Índice de Massa Corpórea (IMC) e o crescimento do diabetes são pontos que acentuam a ocorrência do câncer globalmente. A solução depende da conscientização individual e do desenvolvimento de estratégias em saúde pública. "Por isso devemos investir em prevenção. A medicina ainda é reativa, precisamos ser proativos e evitar o surgimento da doença", diz Brandão. ■

FATORES DE RISCO

Evitáveis para prevenção de tumores

COMPORTAMENTAIS
O estudo aponta que diversos aspectos das sociedades devem mudar. O consumo de tabaco e álcool ainda precisa diminuir

AMBIENTAIS
O principal problema é a poluição do ar. Há diversos contaminantes associados ao desenvolvimento de tumores

METABÓLICOS
A pesquisa analisa a dieta das pessoas, seus efeitos sobre o Índice de Massa Corporal (IMC) e o avanço do diabetes

FOTO: GABRIEL REIS

MARKETING DE RECOMPENSA: ENTENDA COMO APLICAR ESSA ESTRATÉGIA

Segundo um levantamento conduzido pela PWC, foi identificado que 73% dos entrevistados no mundo apontaram a experiência do consumidor como um fator relevante nas suas decisões de compra, enquanto no Brasil o índice foi ainda mais alto, de 89%. Nesse sentido, algumas estratégias têm se mostrado eficazes em aproximar as marcas do público, sendo uma das principais e mais conhecidas o marketing de recompensas.

O formato envolve a oferta de determinadas vantagens e benefícios aos consumidores após eles adquirirem algum serviço ou produto da empresa. É um método clássico, que envolve deixar o cliente feliz para ele comprar. Porém, muitas empresas recorrem a táticas desgastantes para tal e se esquecem da importância da assertividade nos negócios.

Ilustremos com um exemplo. Uma marca de cartões tem o desafio de fazer com que clientes inativos por mais de três meses voltem a utilizar o cartão de débito como forma de pagamento. Para incentivá-los, desenvolve-se uma campanha por meio de uma plataforma digital: ao usar o recurso, o cliente recebe um voucher para trocar por um sorvete de casquinha. Uma solução simples, mas que tem como base estabelecer engajamento e mostrar ao consumidor que ele é valorizado, e não apenas mais um número em uma planilha de metas.

Quando uma pessoa pretende adquirir um serviço ou produto, mas volta com mais do que isso, ela tem a certeza de que tomou a decisão certa. Ao ser recompensada, ela entende que parte do valor investido foi retornado, criando a sensação de que foi presenteada. Muitas vezes, o consumidor pode pensar que o ato de comprar é suspeito, ao questionar-se se quem está do outro lado quer apenas o seu dinheiro ou, de fato, ajudá-lo a alcançar seu objetivo. Por esse motivo, recompensar por meio de pontuações não é o melhor caminho dentro dessa estratégia.

Não se deve confundir o desejo do cliente de ter uma experiência boa com passar horas na frente de uma tela para realizar a compra. Dessa forma, há a possibilidade dele enxergar o acúmulo de pontos, para ser beneficiado no futuro, como um desgaste financeiro e emocional, o que não criaria o sentimento descrito acima. A assertividade e a agilidade promovida pelos novos aplicativos e ferramentas das empresas se desvirtuariam dessas características caso criassem mais barreiras para a relação com o seu usuário.

Não à toa, o relatório Loyalty Barometer Report de 2021, feito pela Hello World, revelou que 81% das pessoas desejam criar um relacionamento com as marcas. É um procedimento que envolve confiança e, consequentemente, traz a fidelização dos consumidores. Um público fiel garante as vendas e o reconhecimento de que aquela marca é um sinônimo de qualidade e bom atendimento; afinal, ninguém que passa por uma experiência de consumo satisfatória guarda essa sensação apenas para si.

Sem dúvidas, todos já ouviram alguém recomendar uma loja pelos descontos, especialmente nos dias atuais, em que muitas trazem preços mais baratos nos sites do que nas unidades físicas. Desde sempre, ofertas e prêmios são meios assertivos em incentivar a compra como forma de recompensa, ainda que não sejam os únicos. É possível citar os dispositivos que permitem ao usuário ver conteúdos digitais especiais ou mesmo sistemas que viabilizam o uso de crédito.

Portanto, a tecnologia abriu espaço para as marcas não só estimularem o usuário de suas plataformas a pagar por um produto, mas também exibir um determinado comportamento. Um consumidor satisfeito é, na verdade, um consumidor que passou por uma experiência positiva, e não só achou o serviço que procurava. O marketing de recompensas é fundamental ao estruturar esse processo, pois é uma estratégia que promove benefícios para todos os envolvidos, desde que planejada visando a praticidade.

ERICA BRIONES
é diretora de produtos da Minu.
Com mestrado e especializações na área de Negócios, em instituições como FGV, USP, PUC-RS e ESPM, ela também é membro do conselho na Agile Alliance Brazil e na Mulheres de Produto.

Comportamento/Espaço

CASA EM MARTE

Como seria morar no planeta vermelho? Um protótipo construído na Inglaterra mostra como será a vida fora da Terra

Elba Kriss

Desde quarta-feira (31), os moradores de Bristol, na Inglaterra, podem visitar o interior de uma construção que os intriga há meses: a Martian House. A Casa Marciana é um protótipo de residência que simula o dia a dia de um cidadão em ambiente espacial, com base nas informações que temos hoje sobre as características do planeta vermelho. Erguido no centro da cidade, o edifício surgiu dos esboços das artistas Ella Good e Nicki Kent e levou sete anos para ser finalizado.

Com orçamento de R$ 300 mil, o projeto contou com a colaboração dos escritórios de arquitetura e design Hugh Broughton Architects e Pearce+, além do trabalho de cientistas e engenheiros que se uniram para criar a estrutura. A casa de dois andares tem 53 metros quadrados é alimentada por painéis solares, possui sistema circular de água e foi projetada para suportar temperaturas de -63º C, além de forte radiação cósmica.

O primeiro andar tem uma armação inflável, que será preenchida com regolito. "São fragmentos de tamanhos variados de rocha, misturados à poeira", explica Alvaro Crósta, professor do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas. "Ao contrário dos solos terrestres, o regolito é de natureza basicamente mineral, sem a presença de matéria orgânica". Nessa área ficam ainda a sala e um espaço para cultivo hidropônico. O dormitório e o banheiro ficam no subsolo, locais mais protegidos da radiação. "Em Marte, a maior parte do fluxo de lava cessou e deixou longos canais, estruturas semelhantes a cavernas. Essas formações podem funcionar como escudos", afirma Filippo Fogaccia, professor de Química do Colégio Mackenzie. "Nesse ambiente, a temperatura não varia muito entre o dia e a noite".

Para Ella e Nicki, o lar marciano tem um propósito: "É um lugar onde podemos fazer pesquisas e experimentos sobre o futuro". Em exposição até outubro, a Martian House também abrigará palestras e workshops do museu M Shed. "É uma excelente ideia para divulgar as ciências planetárias para o público", elogia Crósta. Com a casa pronta, só falta o foguete para chegar a Marte. ■

PROTÓTIPO Dormitório e banheiro no subsolo: proteção contra a radiação

NO ESPAÇO Casa Marciana: projeto foi inaugurado na cidade de Bristol

FOTOS: DIVULGAÇÃO; JACK OFFORD

Dia de cão

Com apartamentos cada vez menores e a retomada do trabalho presencial, a creche canina deixa de ser um mero luxo e vira rotina para muitos tutores, principalmente para aqueles que decidiram adotar ou comprar um cachorro durante a pandemia

Taísa Szabatura

O Peppe, da raça Staffordshire Bull Terrier, foi o primeiro cachorro que a administradora de empresas Ana Ramos, de 29 anos, teve em sua vida. "Ele chegou à nossa casa no dia 4 de abril de 2020, com apenas três meses e no auge do isolamento, quando eu e meu marido estávamos trabalhando em modelo home office", diz. Com os donos sempre em casa, Peppe cresceu cercado de companhia e atenção. Porém, com a volta do trabalho presencial de seus tutores, Peppe precisou frequentar uma creche canina duas vezes por semana para gastar energia e fazer exercícios físicos. Hoje, com dois anos e seis meses, o cachorro é fã do lugar que frequenta, no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro. "Quando não é dia de ir, mas passamos na frente do local, ele já quer entrar e tenho que explicar 'filho, amanhã você vai'", comenta Ana enquanto ri da situação.

A proprietária da Club Pet, Fabiana Velmovitsky, diz que é normal os cachorros gostarem dos lugares, já que há muitas atrações e "amiguinhos" para brincar. Ela conta que os clientes caninos – principalmente os que frequentam o espaço todos os dias da semana – possuem uma espécie de "agenda escolar" onde, assim como em escolas infantis, são relatadas todas as atividades do cachorro durante o dia: se comeu bem, fez as necessidades, bebeu água e se apresentou vontade de participar das brincadeiras. "Aqui não é só um lugar para os animais brincarem soltos, sem uma proposta educativa e de desenvolvimento", diz. Há espaço para nadar, correr, escalar e uma das brincadeiras favoritas da cachorrada é "achar o petisco", onde guloseimas são escondidas pelo terreno. Com duas unidades na capital fluminense, Fabiana está prestes a abrir uma área específica para cães de porte "mini", uma novidade no segmento. "É comum que os cães sejam separados por tamanho e personalidade, mas os pequeninos, mesmo os valentes, podem acabar se machucando", conta.

Nos últimos dois anos, o mercado pet brasileiro foi um dos setores da economia que mais obteve crescimento em meio à crise financeira desencadeada pela pandemia. De acordo com o Instituto Pet Brasil (IPB), o varejo do setor, no qual se enquadram as creches, apresentou crescimento de 22% em 2021 quando comparado ao ano anterior. Já em 2022, com a volta de muitos tutores ao trabalho presencial ou híbrido, o crescimento pode ser visto dentro dos próprios estabelecimentos, que precisaram mudar de endereço ou até mesmo parar de aceitar novas matrículas. Caso do Clube do Vepinho, em São Paulo, que recentemente mudou de um espaço com 500 m^2, para outro com 1500 m^2. "Tivemos um aumento na procura de cerca de 60%, um dos motivos que nos levaram a procurar um lugar maior", explica um dos sócios, Samuel Wajchman.

Ele conta que os donos dos cachorros, e até ele próprio, acabam tratando os animais de estimação como se fossem

REFRESCADOS
Com direito a vôlei aquático, os animais da DogCamp parecem até participar de uma competição oficial

AQUECIDOS Com os termômetros na casa dos 12 graus, os cães do Clube do Vepinho realizaram parte das brincadeiras em ambiente fechado

ENTRE PATAS E MIMOS

Espaços oferecem muito mais que apenas um lugar aberto aos cães

- Aulas de **natação** e **hidroterapia**
- Agenda escolar com registro das **atividades** feitas durante o dia
- Serviços como **Reiki**, massagem e **cromoterapia**

filhos e na creche canina o comportamento não é diferente. "O horário de chegada é entre às 8h e 10h da manhã e ali os donos se despedem com abraço e beijo enquanto os cães já querem sair correndo para brincar", diz. A variedade das atividades é sempre grande, independente do lugar contratado. Mas há estabelecimentos que vão além e oferecem serviços de massagem, cromoterapia, ofurô e até reiki.

Como muitas creches possuem câmeras, os donos dos animais podem acompanhar o que acontece com seu pet.

Para Fabiana Rodrigues, responsável pela DogCamp, em São Paulo, quem precisa do serviço diário geralmente são as pessoas que moram em apartamentos e passam grande parte do dia fora de casa. "A creche ajuda a evitar alguns distúrbios como a lambedura excessiva causada pelo estresse de passar muito tempo sozinho e evita também que o animal destrua objetos na residência", diz. Um dos pré-requisitos das creches é estar em dia com a saúde e com o calendário de vacinação. O animal também passa por um teste de adaptação. Com preços que variam de R$ 40 a R$ 200 a diária, a creche canina não é moda passageira. Parece que veio mesmo para ficar. ■

BEM CUIDADOS Na Club Pet, do Rio, são oferecidos serviços como a cromoterapia

FOTOS: EMILIANO CAPOZOLI; DIVULGAÇÃO

A TOALETE DO FUTURO

A Fundação Bill & Melinda Gates e a Samsung lançam protótipo de banheiro capaz de combater os efeitos da falta de saneamento básico nos países mais pobres

Mirela Luiz

A falta de saneamento básico é uma realidade que, apesar de presente em todo o mundo, especialmente nas regiões mais pobres, permanece invisível aos olhos de milhões de pessoas. Em meio a cúmplices e vítimas desse problema que atravessa séculos e tem o descaso das autoridades do setor, a Fundação Bill & Melinda Gates, pensando em uma solução que resolva esse cenário degradante, firmou parceria com a Samsung Electronics para o desenvolvimento de um vaso sanitário inovador. Durante três anos de pesquisa e desenvolvimento do projeto, o Instituto Avançado de Tecnologia da Samsung trabalhou no desenho básico e desenvolveu o componente e todos os recursos tecnológicos modulares. O resultado superou as expectativas, devido ao sucesso no desenvolvimento do protótipo para uso doméstico.

O que está em questão é um sanitário independente que dispensa a infraestrutura tradicional — ou seja, funciona sem ligações com redes de esgoto e não demanda energia externa. A toalete criada pela Samsung se destaca por ser autossuficiente, incluindo recursos de tratamento térmico e bioprocessamento na eliminação de patógenos. É possível reciclar toda a água tratada usada no banheiro. A Samsung planeja oferecer licenças isentas de royalties de patentes relacionadas ao projeto para países em desenvolvimento, durante a fase de comercialização. A empresa, juntamente com a Fundação Bill & Melinda Gates, também pretende impulsionar a produção da revolucionária tecnologia, identificando parceiros na indústria e tornando o projeto mais eficiente para produção em larga escala. De acordo com a Organizaçao Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), cerca de 3,6 bilhões de pessoas vivem em locais com instalações sanitárias inseguras, o que resulta na morte de aproximadamente 500 mil crianças menores de cinco anos anualmente devido a doenças. ■

ACORDO O vice-presidente da Samsung, Jay Y. Lee (à esq.) e Bill Gates: parceria para auxiliar regiões carentes

COMO FUNCIONA O NOVO SISTEMÁ

Projeto revolucionário pretende reduzir o impacto ambiental no uso de sanitários

1 Vaso sanitário independente funciona sem ligações com redes de esgoto e não demanda energia externa

2 O banheiro é autossuficiente, tem recursos de tratamento térmico e bioprocessamento

3 É possível reciclar toda a água tratada usada pelo banheiro fazendo a purificação biológica e eliminando micro-organismos

FONTE: SAMSUNG

FOTOS: DIVULGAÇÃO

A arte de ver além

Após apresentar seu trabalho em países como França e Itália, o fotojornalista brasileiro **Claudio Gatti** mostra em São Paulo como consegue capturar de maneira única os principais empresários do Brasil e do mundo

Taísa Szabatura

FOTO: MARCO ANKOSQUI

Se à primeira vista a imagem de um homem tomando um banho de leite em meio a uma fazenda repleta de gado pode até parecer engraçada ou parte de um meme da internet, a impressão muda quando descobrimos que o personagem retratado nada mais era que o então presidente da Nestlé no Brasil, Ivan Zurita. O objetivo da imagem era apresentar o executivo diante da tarefa de lançar um novo produto no mercado nacional e a foto, apesar de jornalística, vendeu a ideia e mostrou um lado pouco conhecido de Zurita. Esse e tantos outros inusitados cliques, como altos empresários lavando pneus de carro ou lambuzados com molho de tomate, fazem parte do extenso e curioso repertório do fotojornalista Claudio Gatti, profissional por trás de grandes reportagens e importantes capas de revistas, como a ISTOÉ Dinheiro.

Com mais de vinte anos de carreira, Gatti diz que seus trabalhos, apesar do extremo profissionalismo, saem como em uma espécie de improviso, já que ele não trabalha com assistentes e compõe a cena apenas com o olhar apurado e os objetos que tem à mão. "Gosto de sair da foto ortodoxa e tradicional. Penso em uma ideia e então parto para a persuasão", explica. Ou seja, ao fotografar cenas de empreendedorismo, o fotógrafo raramente se utiliza das poses clássicas, como a de homens de terno olhando para a câmera. "Isso faz toda a diferença, mostra que aquela pessoa é versátil e ousada", diz ao falar de seus modelos famosos, que incluem até políticos, como o ex-governador do estado de São Paulo, João Doria.

Gatti comenta que tem sido fácil convencer as pessoas a saírem do óbvio, o que varia é a intensidade dos limites estabelecidos pelo alvo de suas lentes. Para ele, o maior desafio é contornar a falta de tempo desses profissionais que muitas vezes, por serem muito ocupados, reservam apenas 15 ou 30 minutos para fazer uma fotografia. "Não tenho uma foto favorita, mas gosto muito do processo que levou a imagem do Alexandre Frankel, presidente da construtora Vitacon, que foi içado com uma

"Gosto de sair da foto ortodoxa e tradicional. Penso em uma ideia e então parto para a persuasão"
Claudio Gatti, fotojornalista

JOÃO DORIA, ex-governador de São Paulo

ALEXANDRE FRANKEL, dono da Vitacon

LUCIANA FASANO, empresária

IVAN ZURITA, ex-presidente da Nestlé

bicicleta pelo céu da cidade. Fazer aquela foto foi um grande desafio porque eu não tinha saído de casa com aquela ideia", explica.

A capacidade de fazer com que grandes personalidades saiam da zona de conforto é que faz com que o trabalho do fotojornalista ganhe tanta repercussão na mídia e nos corredores do mundo dos negócios. Em 2017, expôs em galerias em Paris e em 2019 participou da 58ª edição da Bienal de Veneza. No ano passado, no Shopping D&D e no Centro Cultural FIESP, ambos em São Paulo, apresentou "Retratos do Isolamento, Reflexões da Pandemia", onde capturou importantes figuras do país enquanto trabalhavam de suas casas, com pantufas e pijamas. Agora seu trabalho está no Museu da Imagem e do Som (MIS), também na capital paulista. "Retratos do empreendedorismo", com entrada gratuita e em cartaz até o final de setembro, traz uma fração do trabalho que o fotógrafo produziu nas últimas duas décadas. Para a mostra, o curador João Kulcsár selecionou 34 trabalhos de Gatti acompanhados de um vídeo documental sobre o riquíssimo processo de criação do fotógrafo. A foto perfeita, na maioria das vezes, exige muito mais que uma câmera na mão e uma ideia da cabeça. É preciso ver além. ■

Gente

O segredo da estrela sarada

Para **Nicole Kidman**, de 55 anos, parece que o tempo não passa. A atriz ostentou um corpo tão perfeito na capa da revista *Perfect* que seus fãs ficaram sem fôlego. Os tríceps esculpidos e as pernas bem torneadas arrancaram elogios e despertaram a curiosidade do público: qual seria o seu segredo? A artista já disse que gosta de correr, mas alterna os treinos com outras atividades para fugir da monotonia. "Se você acha que vai acordar e correr oito quilômetros todas as manhãs pelo resto da vida, vai ficar entediado depois de uma semana", aconselhou. "Tento misturar a corrida com outros esportes, yoga e passeios com meu marido e as crianças". O segredo da estrela, pelo jeito, é estar sempre em movimento.

Marido aprovado pelo público

Fenômeno na Netflix, a série *Bom Dia, Verônica* fez o ator **Pedro Nercessian** ser tietado nas ruas. Ele interpreta Davi, jornalista investigativo casado com o legista Prata, papel de Adriano Garib. Pelo visto, a audiência aprovou o casal LGBTQIA+. "Quando foi divulgado que eu seria par do Garib, a reação do público me surpreendeu. Foi digna de novela. Eu nem imaginava que o streaming tinha tanta força. Antes mesmo da estreia, as pessoas já me abordavam para dizer que estavam torcendo pelos dois", conta. A série, que está entre as produções internacionais mais vistas da plataforma, levou o elenco a comemorar. "Os fãs são muito fiéis, assistem tudo e comentam. Desde os tempos áureos das novelas não via isso acontecer", comemora.

FOTOS: @ZHONGLIN/INSTAGRAM/DIVULGAÇÃO; SERGIO BAIA/DIVULGAÇÃO

Muito além das dancinhas

Heloisa Périssé foi destaque no *TikTok Humorama – Festival de Comédia*, que aconteceu durante o mês de agosto na plataforma. A atriz – que agora se declara "criadora de conteúdo – está aprendendo a fazer humor de forma diferente devido às novidades modernas. "No início da minha carreira não havia nada tecnológico, era tudo analógico. É uma honra acompanhar os novos rumos do humor", analisa. "Faço questão de ser uma mulher que não envelhece, eu me atualizo", diverte-se. Entre dublagens e dancinhas, ela admite que as coreografias são um tanto complicadas. "Não tenho mais esse molejo para dançar", confessa. Mesmo assim, ela viralizou: após dominar o teatro, cinema e a TV, Heloisa quer fincar os pés na internet. "Reinventar é uma palavra de ordem na minha vida. Poder fazer o que eu amo, que é humor, é a realização de um sonho". As curtidas a incentivam e ela já tem até um personagem original criado especialmente para seu perfil. "É a Tia Doro, uma coaching que dará conselhos sobre a vida", adianta à ISTOÉ. "Tenho certeza que vai bombar".

Fã da amarelinha

O astro Jamie Foxx movimentou as redes sociais na última semana ao aparecer com a camiseta da Seleção Brasileira. O vencedor do Oscar de melhor ator por *Ray* ainda emendou a legenda em português: "tudo bem", postou. Em ano de Copa do Mundo, o ator de 54 anos agradou a torcida brasileira. Luciana Mello, Buchecha, Otaviano Costa, Felipe Andreoli, João Baldasserini e outros famosos deixaram comentários em sua página. Será que ele estará no Catar para torcer pelo time de Tite?

Esqueça o Aquaman

Já que ele queria explorar outras possibilidades além do super-herói Aquaman, ***Jason Momoa*** *tem aproveitado as oportunidades de Hollywood. Em 2023, o astro de 54 anos será um vilão andrógino em* Fast X, *novo filme da franquia* Velozes e Furiosos. *"Serei bem mau, já fiz papel de mocinho durante muito tempo", justificou. Ele também vai investir no público infantil. Em novembro, vai estrelar* Terra dos Sonhos, *na Netflix. Na produção, o fortão contracena com a atriz Marlow Brinkley, de 11 anos. Será que ela ficou com medo desse gigante de quase dois metros de altura?*

Produções em família

Os últimos meses foram intensos para **Maria Flor**. A atriz estrelou o longa *4 Amigas Numa Fria* e, atualmente, está em cartaz nos cinemas com *Maior Que o Mundo*. O retorno ao ofício após o nascimento do filho Vicente, de seis meses, tem sido gradual. "A maternidade é uma reinvenção de si e, ao mesmo tempo, um arrebatamento, uma exaustão misturada com felicidade", diz. "Voltar ao trabalho é necessário, mas cheio de conflitos internos". Em breve a artista vai encarar outra missão: produzir e dirigir a série *No Ano Que Vem*, para o Canal Brasil, escrita por sua mãe, a roteirista Marcia Leite. "É um trabalho que ela está gestando e reformulando há muito tempo. Dirigir será uma grande realização, gosto desse lado criativo. É interessante entrar de cabeça nesse novo desafio", diz a filha-coruja.

FOTOS: MARCELLA RICA/DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO INSTAGRAM; SAMIR HUSSEIN/WIREIMAGE; RENAN OLIVEIRA/DIVULGAÇÃO

RECEIO
Redes temem o calote: medidas como os saques do FGTS e a antecipação do 13º tiveram efeito apenas momentâneo

Varejo em alerta

A queda na renda e a alta da inflação aumentaram o medo de calote nas grandes redes, que aumentaram em 42% a provisão para devedores. O impacto será maior para as pequenas e médias empresas

Mirela Luiz

Com o cenário mundial ainda em fase de retomada da economia devido à pandemia, somado à crescente alta da inflação e das taxas de juros, as redes de varejo têm sentido dificuldades crescentes nos pagamentos de clientes. Em julho, 29% das famílias tinham algum tipo de conta ou dívida em atraso. Esse foi o maior patamar de inadimplência desde 2010, segundo um levantamento da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Já o número de famílias endividadas subiu para 78%, um aumento de 0,7 ponto porcentual ante junho. Em relação a julho do ano passado, o crescimento foi de 6,6 pontos porcentuais. O número de brasileiros inadimplentes bateu recorde: 66,8 milhões estão com contas atrasadas, de acordo com dados divulgados pela Serasa Experian.

FOTOS: RUBENS CAVALLARI/FOLHAPRESS; ISTOCK PHOTO; DIVULGAÇÃO/CNC

"As famílias com menor renda foram mais afetadas e aumentaram o endividamento, a despeito dos juros altos, para sustentar seu nível de consumo", explica Izis Ferreira, economista da CNC, responsável pela pesquisa.

Para o economista Luiz Rabi, da Serasa Experian, os pequenos empresários encontram dificuldades para retornar aos níveis pré-pandemia. "O cenário econômico instável, de inflação crescente e alta da taxa de juros, impacta no poder de compra dos consumidores e segue dificultando a retomada do mercado como um todo".

SINAL AMARELO

A alta na inadimplência, de acordo com o presidente da CNC, José Roberto Tadros, mostra que as medidas de suporte à renda, como os saques extras do FGTS e a antecipação do 13º salário dos beneficiários do INSS, tiveram efeito apenas momentâneo no pagamento de contas ou dívidas atrasadas, concentrado no segundo trimestre deste ano. O aumento dos calotes já apareceu nos números do primeiro trimestre de redes como a Marisa, Riachuelo e Renner, por exemplo – a primeira já anunciou, em seu balanço, que vai aumentar a provisão para eventuais calotes. Já o diretor financeiro da Riachuelo, Túlio de Queiroz, adiantou que pode começar a fechar a torneira de financiamentos, já que a varejista vai ficar mais seletiva na hora das liberações. "Isso claramente é um reflexo da questão macro que estamos vivendo", disse Queiroz, na mais recente divulgação de balanço da empresa.

As empresas, no entanto, têm de ser cuidadosas ao colocar o pé no freio, uma vez que, seus "cartões de loja" ainda são muito importantes para seu faturamento. Por exemplo, quase 35% das vendas da Renner são feitas pelo crediário próprio. Esse número sobe para quase 39% na sua concorrente Marisa. Nesse momento de alta de juros tanto os grandes varejistas como os pequenos estão com o sinal amarelo aceso. O maior medo de todos é, por exemplo, reproduzir em alguma medida o caso histórico da Arapuã, que havia chegado a liderar a venda de eletrodomésticos no País e quebrou por causa do descontrole com o crédito. Na época, no final dos anos 1990, para controlar a fuga de capital externo com a crise dos "Tigres Asiáticos", o Banco Central se viu obrigado a aumentar os juros abruptamente, de 20% para 40% ao ano. Resultado: a inadimplência explodiu, e quem não tinha reservas acabou sofrendo com os efeitos da mexida nas taxas.

De forma geral, para Fábio Pina, assessor econômico da FecomercioSP, foram mais as circunstâncias do que as atitudes que levaram ao cenário atual. "Claro que pode ter havido exagero por parte a parte: seja pelos varejistas, que se expuseram demais diante de juros muito baixos, ou pelos consumidores, que, ultrapassaram os limites. Contudo, o grosso desse calote derivou da necessidade, e não dos exageros". ■

"As famílias com menor renda foram mais afetadas e aumentaram o endividamento, a despeito dos juros altos, para sustentar seu nível de consumo"
Izis Ferreira, economista da CNC

INADIMPLÊNCIA

Taxa de brasileiros devedores em compras no varejo

abril de 2021	dezembro	abril de 2022
3,42%	4%	4,71%

Famílias brasileiras endividadas

78%

Número de brasileiros inadimplentes

66,8 milhões

FONTES: BANCO CENTRAL; SERASA; VALOR ECONÔMICO

Internacional/Energia

Europa às escuras

'APAGÃO'
Na Alemanha, Berlim economiza energia deixando monumentos como a Coluna da Vitória sem iluminação

Continente se prepara para a falta de gás russo no inverno desligando a luz de monumentos e vitrines. A alta da inflação e o custo explosivo dos combustíveis levam os países a discutirem medidas emergenciais

Denise Mirás

A União Europeia sabia que poderia enfrentar um inverno duro por causa da guerra na Ucrânia, mas esperava escapar das piores previsões. O otimismo ficou para trás. O bloco nem esperou setembro para anunciar uma "intervenção de emergência" no setor de energia, nas palavras de Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia. Em paralelo à economia de 15% exigida para os 27 membros, França, Alemanha e Espanha já anunciaram planos para enfrentar a alta do custo de vida que alarma populações e incita greves. Governantes estão acuados diante de Vladimir Putin, que usa o gás russo como arma de guerra, e teme-se por um corte total no fornecimento em pleno inverno europeu, quando o aquecimento se faz necessário pelas temperaturas abaixo de zero. Além da elevação no preço de combustíveis, também foi paralisado o comércio de grãos e a inflação passou de dois dígitos em vários países.

O continente tem se preparado para o pior. Ainda em pleno verão, estão às escuras monumentos e letreiros de lojas em horários mais avançados, mesmo

FOTOS: LISI NIESNER/REUTERS; ISTOCKPHOTO; JAVIER SORIANO/AFP

ALTERNATIVAS Navio da Lituânia carregado de gás natural liquefeito (GNL), para compensar corte do gás russo

prejudicando o turismo. Em Barcelona, luzes de vitrines estão sendo apagadas às 22h. Esse é apenas um dos itens do pacote da Espanha, com multas de até 600 mil euros (mais de R$ 3 milhões). Na Alemanha, Berlim desliga perto de 1.500 postes de luz em suas ruas. Munique não tem mais água quente em prédios comerciais, nem fontes funcionando à noite, quando metade dos semáforos fica apagada. Itália e Espanha também impõem limites no ar condicionado em prédios. A Holanda convoca cidadãos a tomar banho em menos de cinco minutos e a Suíça se põe a armazenar... lenha.

CORTE TOTAL

Putin fornece 40% do total de gás natural consumido pela Europa, mas o fluxo pelo duto North Stream está em 20%. O maior temor é o inverno, quando os europeus esperam sofrer um corte total — o que o presidente francês Emmanuel Macron dá como certo. Sua primeira-ministra, Elisabeth Borne, apelou a empresas por economia energética, para que não se chegue à "penúria" que obrigue a cortes, racionamento e multas. Ursula von der Leyen destaca que a UE precisa se preparar "para o pior" e, além da economia, diversificar fornecedores e fontes de combustível, com um teto para o megawatt/hora, que chegou a um preço inimaginável.

Com a guerra e a paralisação no comércio de grãos, a inflação atingiu 8,9% ao mês na zona do euro (países bálticos passam dos 20%). Físico e consultor na área de energia, Ricardo Lima explica que, além do gás, o carvão também é consumido na Europa, transportado por barcaças, e sofre pelas condições climáticas, porque com a seca muitos rios não estão navegáveis. O gás natural liquefeito é a maior aposta, mesmo com a alta no mercado internacional.

A Alemanha comprou cinco terminais flutuantes, onde o GNL descarregado de navios será convertido para ser injetado em dutos (o primeiro começa a funcionar em 2023). O país já tem 30 "fazendas" eólicas no Mar do Norte e também investe em projetos de hidrogênio com a Dinamarca. Mas a alternativa "verde" é custosa e demorada, segundo Lima, pelas mudanças necessárias em todo o processo de produção e nos equipamentos. "Essas fontes ainda não são significativas. O que percebemos e nos preocupa é que não dá para depender delas."

Luciana Mello, especialista em Relações Internacionais e Comércio Exterior, observa que o cenário econômico da Europa já não era dos melhores antes da guerra na Ucrânia. "O que se vê são alguns países bem fortes em produção e serviços, com alto valor agregado, e outros dependentes, com economia frágil", diz a professora, lembrando que o primeiro-ministro alemão, Olaf Scholz, chegou a propor a aprovação de decisões por maioria no Parlamento europeu, em vez de consenso, sendo criticado pelos países com menor poder econômico. "É uma Europa 'de volta para o futuro', ou de volta ao lugar de onde nunca saiu. Ficou claro que o bloco europeu tem muitas fragilidades e não é tão coeso nem tão economicamente forte como se vendia." Se os europeus se uniram para defender a Ucrânia com a OTAN renascida e decididos a eliminar a dependência da Rússia, para Luciana a crise econômica seguirá enquanto perdurar a guerra na Ucrânia. "Agora, é negociar: inimigos, inimigos, negócios à parte." ■

RECORDE NA CONTA DE LUZ

R$ 21,1 mil
média do que britânicos vão pagar no ano

80%
de aumento

Fonte: Ofgem, reguladora energética do Reino Unido

"Economizar energia é uma tarefa de todos e é prioridade"

Pedro Sánchez, primeiro-ministro da Espanha em 29 de julho, apresentando-se sem gravata, para dispensar o ar-condicionado

MISTÉRIOS DA CHINA

Com uma narrativa envolvente e a paixão declarada pela sociedade chinesa, o historiador britânico Michael Wood exibe quatro mil anos de civilização na obra que ajuda a compreender como o país se tornou uma potência global

PAZ
O imperador Kangxi, dos Qing: enquanto a Europa sucumbia a guerras internas, a dinastia promovou 133 anos de estabilidade e união

Seria possível sintetizar uma sociedade de quatro mil anos em 624 páginas? O desafio proposto pelo historiador britânico Michael Wood alcança seu ambicioso objetivo em *História da China – O Retrato da Civilização e de seu Povo*. Fruto de inúmeras viagens e pesquisas com acesso a arquivos oficiais, a obra começa na Antiguidade, passa por todas as dinastias e chega à potência contemporânea concebida pelo líder Deng Xiaoping.

Como todo biógrafo – afinal, o livro é uma biografia sobre essa fascinante personagem, a China –, Wood é apaixonado pelo tema de sua análise. No prefácio, já justifican as extensas seções sobre personagens que lhe são caros. É o caso do peregrino budista Xuanzang, cuja jornada pela Índia deu início a um dos grandes intercâmbios culturais da humanidade; Cao Xueqin, o romancista mais querido dos chineses, que viveu no século 18; ou o poeta Du Fu, que sobreviveu aos horrores da rebelião An Lushan, em 757, e escreveu que "o País foi destruído, mas os rios e lagos permanecem".

A geografia, aliás, exerce influência importante na trajetória do país, com seu norte frio e cinzento, com plantações de milho e trigo, e o sul, sub-

História da China
Editora Crítica
624 págs.
Preço: R$ 119

FOTOS: WILSON/CORBIS/GETTY IMAGES; FREDERICK M. BROWN/GETTY IMAGES/AFP; FORREST ANDERSON/GETTY IMAGES; GAVIN HELLIER/ROBERT HARDING PREMIUM/AFP; ISTOCKPHOTOS

FASCÍNIO
Michael Wood (à esq.) e Deng Xiaoping: o britânico admira a potência que emergiu das ideias do líder chinês

tropical, perfeito para a cultura do arroz – ali foi encontrado o mais antigo do mundo, em 8000 a.C.

O livro de Wood nasceu de sua experiência como cineasta. À frente de produções para as redes públicas PBS (EUA) e BBC (Inglaterra), ele dirigiu, entre 2014 e 2017, uma série de documentários sobre a China. Em um país cujo regime mantém controle rígido sobre tudo, o material recebeu reação surpreendente da Xinhua, a agência oficial chinesa: "os filmes de Wood transcenderam as barreiras da etnia e da crença e trouxeram algo poderoso e comovente para a TV". A força da narrativa é o enredo contado de forma linear, cronológica. Wood opta pelo formato porque crê que o Ocidente analisa a história como ascensão e queda de diferentes civilizações, enquanto a China se vê como um único povo que passou por "ciclos de ordem e desordem". "O Partido Comunista replicou aspectos das dinastias Ming e Qing, e parte da cultura chinesa ainda está enraizada no passado profundo, como as atitudes em relação à família e aos ancestrais", afirma Wood.

O livro elucida mistérios fascinantes do passado popular, como os detalhes sobre o funcionamento da plataforma astronômica Taosi, uma das descobertas arqueológicas mais importante do século. O local data do século 21 a.C. e servia para a observação dos movimentos do sol, da lua e das estrelas.

A história da China começa, oficialmente, com as lendas do Rei Yu, monarca cujo sistema de drenagem construído após as enchentes do Rio Amarelo o tornaram o primeiro governante a ser lembrado posteriormente por suas obras. "Se não fosse por Yu, teríamos nos tornado peixes", diz um ditado do século 6. O filho de Yu, Qi, foi o primeiro dos 29 reis da dinastia original dos Xia, fundada em 1900 a.C. Sucederam-lhes os Shang, período que durou cinco séculos e que foi marcado pelo surgimento de uma ideia duradoura: o rei que governava por virtude, ordenado pelo céu. O autor desse conceito, Confúncio, é até hoje a figura mais importante da história da China – ele unificou o país e encerrou um longo período de guerras.

Em meio à longa história de imperadores, Wood concentra boa parte do livro nos Ming, que governaram no século 14. É a dinastia responsável por diversas construções que resistem até hoje, da Cidade Proibida à Grande Muralha, do Templo do Céu à porcelana tradicional. No século 20, dois "plebeus" foram responsáveis pela força da China atual: Mao Tsé-tung, líder comunista responsável por desastres sociais, como a Grande Fome, a Revolução Cultural e a destruição da natureza em nome do progresso, e Deng Xiaoping, que promoveu uma política de "reforma e abertura" oposta ao comunismo, dando início a uma transformação social e econômica sem paralelo. "A ascensão da nova China é o maior fenômeno do nosso tempo e é a grande história desse último século", afirma Wood – autor de um dos livros que nos ajudam a compreendê-la. ■

MAUSOLÉU
Guerreiros de Xi'an: esculturas de terracota, que representavam os exércitos do imperador Qin Shi Huang, foram descobertas em 1974

ESPÍRITO DE aventura

Com 38 filmes, o maior festival do Brasil de cinema ao ar livre tem edições em São Paulo e Rio de Janeiro – e destaque para as produções protagonizadas por mulheres

Felipe Machado

O universo do cinema é feito de sons e imagens, mas há ocasiões em que as cenas incorporam um elemento a mais: o espírito de aventura. O 12º Festival de Filmes Outdoor Rocky Spirit, evento gratuito inspirado pela temática da vida ao ar livre, a valoziração da diversidade e pelo respeito ao meio ambiente, exibirá 38 produções em duas edições, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Na capital paulista, acontece nos dias 3 e 4 de setembro, no parque Villa-Lobos. Os cariocas poderão curtir as sessões no feriado de 7 de setembro em três locais diferentes: no Posto 10, na praia de Ipanema, na Vila Olímpica da Gamboa e na Vila Olímpica Nilton Santos, na Ilha do Governador.

Filmes de aventura são tão antigos quanto a própria história do cinema. Em 1902, o norte-americano Frank Ormiston-Smith tornou-se popular com o curta-metragem *The Ascent of Mont Blanc*, produção em que o alpinista liderou uma expedição de sete homens saindo de Chamonix, na França, rumo ao pico da montanha mais alta dos Alpes. Nos anos 1920, os filmes de montanha feitos na Alemanha – os famosos *bergfilms* – tornaram-se um gênero popular em toda a Europa e fizeram de seu principal nome, o cineasta Arnold Fanck, um grande astro.

Os filmakers radicais vão muito além das montanhas, mas foi uma produção correlata que levou o gênero a outro patamar dentro da indústria cinematográfica. *Free Solo*, dirigido pelo casal Elizabeth Chai Vasarhelyi e Jimmy Chin, venceu o Oscar de Melhor Documentário em 2019. O longa acompanha a façanha do norte-americano Alex Honnold, que escalou os 910 metros de El Capitan, paredão vertical de granito localizado no Parque Nacional de Yosemite, na Califórnia, EUA, sem nenhum equipamento de segurança.

VOLTA AO PRESENCIAL

A edição 2022 do Rocky Spirit também é marcada com a volta ao formato presencial, prejudicado pela pandemia nos últimos dois anos. No período, o festival funcionou de forma reduzida e online, com pequenas sessões presenciais. Para a programação desse ano, a curadoria selecionou obras marcadas pelas locações em cenários de sonho e o foco nos esportes radicais, incluindo bike, surf, alpinismo, skate, corrida e esportes de neve, entre outros temas. "A cultura outdoor é extremamente rica e trabalhamos para selecionar os melhores filmes dentro de uma gama amplificada de assuntos. Paulistas e cariocas vão adorar a experiência única de assistir a belas produções debaixo do céu", afirma Andrea Estevam, diretora do festival, que avaliou cerca de 300 filmes antes de anunciar os escolhidos. "Além da volta ao convívio presencial, o destaque desse ano são os filmes protagonizados por mulheres. Tenho certeza de que o público vai se identificar com a força e a sensibilidade de cada uma delas. São obras de qualidade, que farão a plateia rir, chorar, se emocionar e, acima de tudo, se inspirar com tantas histórias incríveis de mulheres que arrasam no outdoor".

Entre as 38 produções selecionadas, seis são nacionais: *A Travessia do Amolar*,

FOTOS: ERINHOGUE; DIVULGAÇÃO; HENRIQUE PINGUIM

DESAFIO
Learning to Drown: a snowboarder Jess Kimura viaja para superar seus medos

GAROTAS CARIOCAS
Skate para todos: produção conta a história da escola Guanabara

Split Riders, *Skimboard Nazaré*, *Tubos & Bacalhau*, *Dreams* e *Walking on Clouds*. Em *Skimboard Nazaré*, o campeão mundial Lucas Fink enfrenta o maior desafio da sua vida: surfar as ondas gigantes da praia de Nazaré em um skimboard, prancha leve e pequena, geralmente utilizada para deslizar sobre uma fina camada de água à beira-mar. Outro tipo de prancha, de snowboard, é usada para descer as montanhas da Patagônia e cortar o mar de Florianópolis, em *Split Riders*. Também há espaço para a diversidade e a conscientização. A imigrante brasileira e escaladora profissional Maiza Lima é a estrela da produção norte-americana *What's in a Name*. O filme confronta o racismo e a misoginia nos EUA, enquanto ela desenvolve sua própria área de escalada esportiva em meio a uma zona rural.

Há muitos destaques entre as produções internacionais: em *Breaking Trail*, Emily Ford é a primeira mulher negra LGBTQIAP+ a completar a Trilha da Era do Gelo, de 1.930 km, no auge do inverno, em um trenó puxado por um cão; *Arc of Aleutia* traz três surfistas em um dos destinos mais remotos do mundo: as Ilhas Aleutas, no Alasca. Dois escaladores descobrem a importância da amizade enquanto completam o circuito de 17 cumes alpinos, em *Cuddle*. Apesar de trazerem cenas incríveis em paisagens deslumbrantes, são as histórias desses personagens que farão o público refletir sobre o mundo em que vivemos – e o que é preciso fazer para melhorá-lo. ■

Para filmes adicionais e a programação completa do festival acesse: www.rockyspirit.com.br

GRATUITO
Rocky Spirit Rio 2022: na praia de Ipanema, Vila Olímpica da Gamboa e Vila Olímpica Nilton Santos, na Ilha do Governador

RIO DE JANEIRO, CAPITAL MUNDIAL DA DIVERSÃO AO AR LIVRE

Poucas cidades são mais adequadas a um festival ao ar livre quanto o Rio de Janeiro. Não só pela beleza ao redor da tela de cinema, mas porque ela é uma das capitais mundiais da diversão outdoor. Com patrocínio da Prefeitura do Rio, por meio da Secretaria Municipal de Esportes, o Rocky Spirit ampliou os locais de exibição (de um para três pontos) e promoverá uma ação inédita voltada para as crianças. Vídeos do festival serão distribuídos à rede municipal de ensino para divulgar o respeito à natureza e o estilo de vida saudável. "Promover o acesso ao cinema gratuitamente, aliando o esporte à cultura, é sensacional. Espero que todos aproveitem. Será um sucesso", diz o secretário Municipal de Esportes, Francisco Bandeira. "O evento tem tudo a ver com o Rio. Imagine assistir a um filme sobre uma natureza exuberante, e daí você olha em volta e vê o Cristo Redentor iluminado. Isso é a cara do público carioca."

REENCONTRO
Novos baianos: Baby do Brasil e Pepeu Gomes estão em turnê pelo Brasil

SHOW

Legado da música brasileira

Turnê de lançamento do álbum *Baby & Pepeu Ao Vivo no Noites Cariocas* aterrissa em São Paulo com veteranos em clima de nostalgia

Um grande encontro musical e de vida. É assim que Pepeu Gomes e Baby do Brasil definem a turnê *140 Graus*, que chega a São Paulo nesse fim de semana. O número que batiza o espetáculo representa a soma da idade de cada um – uma forma alegre de celebrar um momento memorável para os artistas: a entrada nos 70 anos. Quem recebe o presente é o público, que, pela primeira vez, pode conferir os dois juntos no palco. "Dividimos o palco o tempo inteiro", diz Baby. Nos reencontros anteriores dos Novos Baianos, grupo do qual eles faziam parte nos anos 1970, as apresentações aconteciam separadamente. A cumplicidade do ex-casal – que teve seis filhos – é perceptível ao longo das mais de duas horas de show. "Poderiam ser três horas", diz Baby. O exímio guitarrista e a cantora passseiam por seus hits em um repertório registrado recentemente no álbum *Baby & Pepeu Ao Vivo no Noites Cariocas* (Musickeria). Famílias inteiras comparecem para celebrar a nostalgia. "Depois de tantos anos de carreira, ver os filhos dos meus fãs descobrindo o artista que os pais deles amaram durante quase uma vida toda, é gratificante", agradece Pepeu. A turnê *140 Graus* acontece no sábado (3/9), no Tokio Marine Hall. *(Elba Kriss)*

A PODEROSA AVRIL LAVIGNE

Com 20 anos de carreira, a roqueira canadense continua em alta: os oito mil ingressos para o seu show na quarta-feira 7, no Espaço Unimed, em São Paulo, se esgotaram em poucos segundos. Ela está no Brasil para o lançamento de *Love Sux*, sucessor do premiado *Head Above Water*, de 2019. No repertório do show, hits como *Sk8er Boi* e *Complicated* estão garantidos. No final do mês, em sua volta aos EUA, a cantora vai ganhar uma estrela na Calçada da Fama, em Hollywood.

PARA LER

Em seu novo romance, *Do Começo ao Fim*, **Marcelo Rubens Paiva** conta uma história de amor interrompida na juventude e retomada décadas depois. Graças a uma carta, o narrador reencontra a namorada da adolescência, Lívia, e o relacionamento ganha uma segunda chance.

PARA VER

No ano do bicentenário, a TV Cultura lança a minissérie histórica ***Independências***, estrelada pelo ator Antonio Fagundes. O projeto conta com 16 episódios e busca responder a questão "que País é esse?", diz o diretor Luiz Fernando Carvalho.

PARA OUVIR

Um álbum, um DVD ao vivo e uma turnê: o projeto ***Capital Inicial 4.0*** comemora os 40 anos de carreira de um dos maiores grupos de rock do País. Com 12 faixas, o novo disco da banda conta com participações de Samuel Rosa, Pitty e Marina Sena.

FOTOS: MARCOS HERMES; DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; LÉO AVERSA; PRISCILA PRADE

por Felipe Machado

CINEMA

Tom Hanks é Gepeto em *Pinóquio*

O mundo precisa de mais uma adaptação de *Pinóquio*? Parece que sim: o novo longa estrelado por Tom Hanks (Gepeto), Joseph Gordon-Levitt (Grilo Falante) e Cynthia Erivo (Fada Azul) estreia no streaming Disney+ em 8/9. Com direção de **Robert Zemeckis** (*De Volta Para o Futuro*, *Forrest Gump*) o filme traz uma nova personagem: Lorraine Bracco, de *Os Sopranos*, interpreta a gaivota Sofia. Destaque para a animação do boneco de madeira e a trilha sonora, que inclui clássicos como *When You Wish Upon a Star* e novas canções originais.

TEATRO

O último trabalho de Jô Soares

Jô Soares, um dos principais nomes do humor brasileiro, morreu em 5 de agosto, mas seu último trabalho chega aos palcos em 9/9: é quando a peça ***Gaslight – Uma Relação Tóxica***, do dramatugro britânico Patrick Hamilton (1904-1962), estreia no Teatro Procópio Ferreira, em São Paulo. Jô assina a tradução e adaptação do texto, além de dividir a direção com Mauricio Guilherme. Sucesso na Broadway nos anos 1940, a nova versão traz no elenco Erica Montanheiro, Giovani Tozi, Leandro Lima e Neusa Faro (foto), além da Youtuber Kéfera Buchmann.

EXPOSIÇÃO

A arte urbana norte-americana

A mostra *Pelas Ruas: Vida Moderna e Experiências Urbanas na Arte dos EUA – 1893-1976*, na **Pinacoteca de São Paulo**, reúne 150 obras de 78 artistas norte-americanos, entre eles, Edward Hopper, Andy Warhol, Jacob Lawrence e Berenice Abbott. A exposição explora os nascimentos das grandes metrópoles como fonte e conta com trabalhados oriundos de instituições como Whitney Museum (Nova York) e Art Institute (Chicago). Na foto, obra de Hopper. Em cartaz até 30/1/2023.

STREAMING

O Senhor dos Anéis virou série

Com um orçamento de R$ 5 bilhões, *O Senhor dos Anéis: Os Anéis do Poder* (Amazon) é a série mais cara de todos os tempos. Inspirada na obra de **J. R. R. Tolkien**, a nova produção aborda a *Segunda Era da Terra Média*. O período se passa milhares de anos antes dos eventos narrados na premiada trilogia dirigida para o cinema por Peter Jackson. Em vez dos guerreiros dos filmes, aqui a protagonista é uma mulher: a comandante Galadriel (Morfydd Clardk), do reino dos Elfos.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

O DEBATE

O primeiro debate entre os candidatos à Presidência estava prestes a começar.

Como havia sido combinado, apenas candidatos e os jornalistas estavam no estúdio principal.

As equipes de assessores foram colocadas num estúdio ao lado, onde poderiam se agredir mutuamente sem atrapalhar a transmissão do evento principal.

Na chegada, os candidatos se cumprimentaram de forma educada.

Aproveitando o clima amistoso, Aderval Pereira, o moderador, inicia os trabalhos pontualmente às nove horas.

— Muito boa noite, senhores candidatos...

— Por que "senhores"? Estão vendo como as mulheres são esquecidas neste País? – inquiriu Simone Tebet.

— Perdão. Senhores e senhoras. Como todos sabem, estamos aqui para o primeiro debate e conforme as regras quem começa...

Agora é Ciro Gomes quem interrompe.

— Então teremos regras é? Pois foram justamente as regras antirepublicanas que trouxeram o Brasil para essa situação periclitante onde o povo é vassalizado pela elite política!

Felipe d'Avila pede calma.

Lula pergunta para Soraya:

— Esse rapaz é candidato ou jornalista? – Soraya não sabe.

Bolsonaro interrompe.

— Olha, vou dizer uma coisa tá ok? As regras eu passo para vocês depois. Acho mais importante decidir os assuntos que não podem ser perguntados.

Lula toma a frente.

— Então tem assuntos que você não quer falar, é?

Bolsonaro rebate.

— Ué? Quer falar de tudo? Então podemos começar pela Lava-Jato, tá ok?

Antes que Lula pudesse responder, Aderval, percebendo que está perdendo o controle da situação, assume a palavra:

— Gente, por favor, vamos dar uma pausinha de 10 minutos?

— Mas acabamos de começar! – Tebet contesta.

Aderval concorda.

— Então, por favor, vamos seguir com o que foi combinado com as assessorias e realizar o sorteio...

Agora é Soraya quem interrompe.

— Olha, acho que ao invés de um sorteio, quem deveria iniciar o debate é uma mulher, porque nós somos sempre preteridas e um sorteio claramente favorecerá os candidatos homens, que estão em maioria.

Ciro discorda e explica que, no Ceará as mulheres têm as mesmas chances que os homens, porque, quando foi governador, instituiu um programa de igualdade de gênero nos sorteios.

Lula completa que, por falar em sorteio, nunca na história desse País tantas mulheres ganharam na loteria federal como na época em que ele foi presidente.

Aderval desiste do sorteio.

— Olha, sendo assim, melhor passar para as perguntas dos jornalistas.

A conclusão foi boa, ninguém ganha, ninguém perde. Muito pelo contrário

— Desde que não seja pergunta da Vera Magalhães que acho que deve estar apaixonada por mim, pelo tanto que me persegue – afirma Bolsonaro, rindo nervoso.

— Por favor, pessoal... estamos perdendo tempo! – reclama Aderval.

Ciro afirma que o tempo é uma abstração. Felipe ressalta que tempo é dinheiro. Tebet diz que, quando era professora, ensinava que o tempo é relativo. Soraya rebate que o que interessa são os novos tempos. Bolsonaro lembra que tempo bom era na ditadura e Lula diz que tem todo o tempo do mundo para construir um Brasil melhor.

Uma hora e meia se passou e nem uma única pergunta foi feita.

No estúdio ao lado, os assessores estão tensos, sem saber o que está acontecendo.

É que cortaram a luz quando começaram a se estapear.

Janones abre uma frestinha da porta do estúdio principal para ver o que está acontecendo.

— E aí? O que está rolando? – perguntam.

Janones não responde, mas posta no Instagram uma foto dos candidatos numa rodinha, decidindo no palitinho quem fará a primeira pergunta.

— Palitinho! Boa. Nisso papai é fera! – Eduardo Bolsonaro não consegue se conter.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista